

Algumas
Pernas Curtas
da **MENTIRA**

Mário Souto Maior
Manuel Correia de Andrade
Renato Phaelante
Getúlio Araújo

Mário Souto Maior

“... a *mentira verdadeira* é a que calunia, causando danos morais às pessoas por ela vitimadas, o que não acontece com a *mentira branca*, que não prejudica ninguém, mais usada como uma maneira de resolver uma situação incômoda, como no caso de se mandar dizer à pessoa que nos procura, num momento inoportuno, que não estamos em casa.”

Manuel Correia de Andrade

“Na Primeira Guerra Mundial (1914/18), quando os alemães invadiram a Bélgica para chegar à França, a opinião pública mundial foi informada de que eles estavam decepando as mãos das crianças belgas, a fim de que elas, quando crescessem, não fossem capazes de lutar contra os invasores. Concluída a guerra, os vencedores organizaram grupos de assistência e recuperação das crianças decepadas da Bélgica e, para surpresa dos membros destas organizações, não foram encontradas crianças sem mãos.”

Mário Souto Maior
Manuel Correia de Andrade
Renato Phaelante
Getúlio Araújo

Algumas
Pernas Curtas
da **MENTIRA**

Goiânia
KELPS
2001

Copyright©2001 by Mário Souto Maior, Manuel Correia de Andrade,
Renato Phaelante, Getúlio Araújo

Arte final da capa: Jan Souto Maior - jan@soutomaior.eti.br

Programação Visual: Jan Souto Maior

Revisão: Getúlio Araújo

Impressão: Editora Kelps

Rua 19 nº 100 - Setor Marechal Rondon

Fone: (62) 211-1616 - Fax: (62) 211-1075

Cep 74.560-460 - Goiânia - Goiás

e-mail: edkelps@uol.com.br

CIP - Brasil - Catalogação na fonte
Biblioteca Pública Estadual Pio Vargas

ALG Algumas pernas curtas da mentira / Mário Souto
Maior, Manuel Correia de Andrade, Renato
Phaelante, Getúlio Araújo
Goiânia : Kelps, 2001

92 p.

1. Literatura brasileira - Contos. I. Andrade,
Manuel Correia de. II. Phaelante, Renato. III. Ara-
újo, Getúlio. IV. Título.

CDU: 821.134.3(81)-34

Índice para catálogo sistemático:

Serviços - Administração

CDU: 821.134.3(81)-34

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS - É proibida a reprodução total ou
parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio sem a
autorização prévia e por escrito do autor. A violação dos Direitos
Autorais (Lei nº 9610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código
Penal Brasileiro.

IMPRESSO NO BRASIL

Printed in Brazil 2001

SUMÁRIO

MÁRIO SOUTO MAIOR

A(s) mentira(s) e o(s) mentiroso(s)	9
Dois mentirosos de mentira	11
Os provérbios da mentira	15
A mentira na linguagem popular	17
Mentira gostosa?	21
A mentira e o mentiroso na literatura popular em versos	23

MANUEL CORREIA DE ANDRADE

Equívocos e mentiras em História	33
--	----

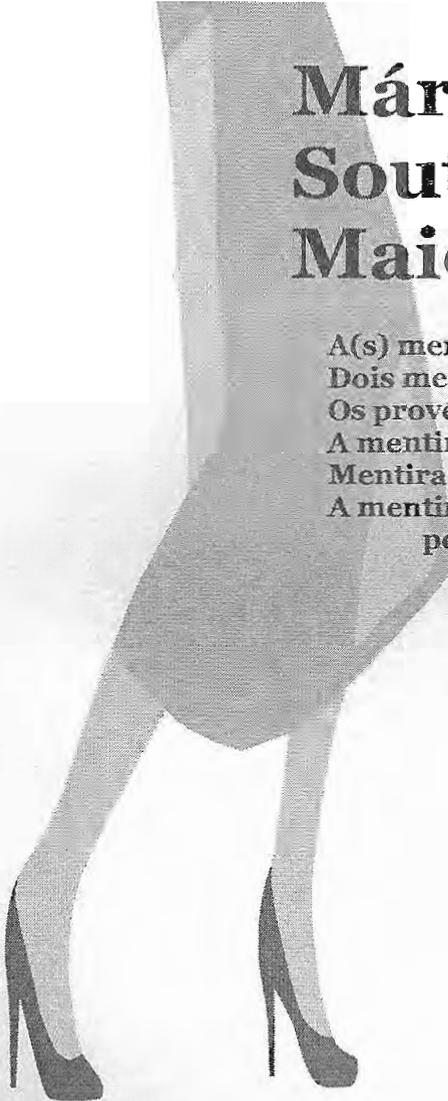
RENATO PHAELANTE

A mentira na discografia da MPB	47
---------------------------------------	----

GETÚLIO ARAÚJO

Mentiras da medicina	75
----------------------------	----

Os Autores	85
------------------	----



Mário Souto Maior

A(s) mentira(s) e o(s) mentiroso(s)
Dois mentirosos de mentira
Os provérbios da mentira
A mentira na linguagem popular
Mentira gostosa?
A mentira e o mentiroso na literatura
popular em versos

A(s) MENTIRA(S) E O(S) MENTIROSO(S)

O que é a mentira? “É a liberação dos limites da Lógica — segundo Luís da Câmara Cascudo — e participa das estórias mentirosas, pilhérias, anedotas, casos estupefacientes, de inverossímil sucesso”. Suas origens estão perdidas nas dobras do tempo, desde que o mundo é mundo, e sua existência universal consta da literatura folclórica de todos os povos.

A começar pela História — na qual os acontecimentos são deturpados e conduzidos na sua versão oficiosa imposta pelos donos do Poder — a mentira é quase sempre encontrada, misturada com a verdade. Até mesmo na própria Bíblia o apóstolo Pedro mentiu, afirmando não conhecer Cristo. Na antiguidade, os habitantes de algumas cidades ficaram conhecidos como mentirosos contumazes, como no caso de Crotona, considerada pelos romanos como uma cidade cuja população era dada ao hábito da mentira, o mesmo acontecendo com Creta, segundo os gregos. Não sei se essa pecha de mentirosos continua existindo ainda hoje.

Não existe — e é bom que se diga — um só tipo de mentira e, conseqüentemente, de mentirosos, conforme poderemos constatar através do anedotário, dos provérbios e outras manifestações da literatura oral, folclórica.

Assim, a *mentira verdadeira* é a que calunia, causando danos morais às pessoas por ela vitimadas, o que não acontece com a *mentira branca*, que não prejudica ninguém, mais usada como uma maneira de resolver uma situação incômoda, como no caso de se mandar dizer à pessoa que nos procura, num momento inoportuno, que não estamos em casa.

É assim como acontece com as duas espécies de mentira — a *verdadeira* e a *branca* — também acontece com o *mentiroso*: o que mente sempre, o dia todo, a vida toda, faltando à verdade no intuito de somente

fazer mal, caluniando o próximo e o que é *mentiroso de brincadeira*, pra fazer rir, inventando estórias mirabolantes, fruto de sua imaginação fértil, com a intenção, repetimos, de fazer graça, de deitar conversa fora, verdadeiros mentirosos amadores.

Participando do Direito (“Todos são iguais perante a lei”), da História (a batalha de Itararé nunca aconteceu, dizem), da Música (muitos compositores *compram* partituras ou melodias aos seus verdadeiros autores), da Medicina (quando o médico prega uma *mentira branca* aos seus clientes desenganados), das Artes (quantas cópias de telas de autores célebres são vendidas como autênticas), a mentira tem servido, na literatura brasileira, de tema em livros (romances, contos, peças de teatro, poesia) como no caso de *Mentirosa* – peça teatral de Raimundo Magalhães Jr., *Mentira* – coletânea de poesias de Eter Agripino, *A Mentira do herói* – teatro de Rafael Pinheiro, *Mentira dos limpos* – romance de Manuel Lobato, *Mentira carioca* – teatro de revista de Rubem Gil e Alfredo Breda, *Mentira fatal* – contos de Ernesto Merlim, *Mentiras* – coletânea de poemas de Newton Tornaghi, *As mentiras de Gregório e outros fatos menos verídicos* – peça de teatro de Alberto Giffoni, *Mentiras grosas de Zé Rotinho* – de Fontes Ibiapina, *Mentiras poéticas* – contos de Renato de Alencar, entre outros.

A mentira não participa apenas da vida real das pessoas, mas também se faz presente nas criações literárias dos escritores. Seus romances, suas poesias, seus contos, suas peças de teatro não passam, na sua maioria, de uma mentira, uma ficção, uma irrealidade, uma visão na sua criatividade.

DOIS MENTIROSOS DE MENTIRA

Conheci dois *mentirosos de mentira*, isto é, que não mentiam para caluniar nem causar danos morais a ninguém, pelo simples prazer de faltar à verdade. Mentiam, sim, por brincadeira, para serem engraçados e darem asas à imaginação fértil, animando as rodas de conversa. Ambos, pessoas de bons princípios e, afora os momentos de seus vãos fictícios, pessoas perfeitamente normais.

José Orobó era o companheiro do padre Antônio Gonçalves, vigário de Bom Jardim, no agreste pernambucano, nas suas viagens a cavalo, quando ia rezar missa e batizar nas capelas das vilas e fazendas. José Orobó era quem animava as festas da Nossa Senhora Santana, padroeira do lugar, apregoando as prendas a serem leiloadas nas quermesses em benefício das obras da matriz:

- *Quando dá, seu João Gordura, por este pratinho de alfenins feitos por dona Trifônia?*
- *Dois mil réis! — respondeu João Gordura, que era dono do único ônibus da cidade.*
- *Dois mil réis é muito pouco, seu João! Dona Trifônia fez os alfenins em forma de flores, de cachimbos, de passarinhos, com tanto trabalho, com tanto gosto, seu João, e Santana está precisando de um dinheirinho para endireitar sua matriz, seu João!*
- *Cinco mil réis! — gritou João Gordura.*
- *Muito bem, seu João. E quem é que dá mais por este prato de alfenins gostosos que só dona Trifônia sabe fazer?*

Às vezes, por força da conversa e da animação de José Orobó, as prendas atingiam até cinquenta mil réis, principalmente quando envolviam os políticos do lugar.

Mas José Orobó era um excelente contador de estórias que ele inventava.

Relatava ele — dando às palavras uma entonação própria de um ator: “Um dia, fui pescar no açude dos Quatis, de Dr. Mota. Me sentei numa pedra, na beira do açude que estava cheio, botei uma boa isca no anzol e joguei bem longe. Minha vara de pescar media quase cinco metros. Aí comecei a pensar na vida, nos negócios e tal. Em dado momento, senti a vara mais pesada e que um peixe tinha engolido a isca. Juntei minhas forças e dei um *puxão* tão forte que o peso do peixe fez com que a vara escapulisse de minhas mãos. Só vi foi a vara subindo, subindo, subindo mais de trezentos metros de altura. E o peixe? O peixe, que tinha mais de dois metros, desapareceu nas nuvens.

Triste, por ter perdido minha vara de pescar e o peixe, peguei o caminho de casa. Quando andei umas cem braças só ouvi um barulho. Quando olhei, estava o esqueleto do peixe sem carne nenhuma. É que o peixe subiu tanto, tanto, que sua carne foi comida pelos urubus.”

Outra estória que ele contava era de uma caçada que ele fez numa fazenda do Umarí dos Crioulos, num dia em que o céu estava preto de tantas *arribaças* que passavam voando. Em dado momento ele viu um cajueiro, na beira do riacho que estava cheio de *arribaças*. Pé ante pé, ele atravessou o riacho mais adiante, sem fazer barulho pra não espantar os pássaros. Quando chegou do outro lado do riacho, por trás das *arribaças*, ele apontou a espingarda e falou grosso:

— Mãos ao alto! — como nas fitas de cinema.

Morrendo de susto, as *arribaças* levantaram as asinhas e ele só teve o trabalho de ir pegando uma por uma e botando num saco que ele sempre conduzia.

Quando chegou em casa, esbaforido com o peso do saco cheio de *arribaças*, foi contar as bichinhas que ele havia caçado:

— “Foram 169 *arribaças*! Nem 168, nem 170. Foram 169 *arribaças* que eu cacei naquele dia!

Não é à toa que as estórias de caçadores e pescadores sempre são as mais mirabolantes, as menos verdadeiras.

Trabalhou, durante muito tempo, no Museu do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, hoje Fundação Joaquim Nabuco, uma moça que gostava de contar umas estórias fantásticas. O poeta Mauro Mota, então diretor-executivo da autarquia nas décadas de 60 e 70, sempre que recebia seus amigos, visitantes e escritores, costumava chamar a jovem funcionária, pedindo-lhe que contasse suas estórias, alegando sua vocação de ficcionista. E ela, jovem, loura e bonita, passava a relatar casos acontecidos não somente com ela, como com pessoas de sua família.

Contava, sem se fazer de rogada:

1. "Eu tinha um parente que sofria de câncer e, vez por outra, tinha que ir ao médico para cortar as patas de caranguejo que saíam pelos ouvidos, pela boca, pelo nariz" – misturando, na sua narrativa o câncer do horóscopo com o câncer, doença.
2. "Um conhecido meu discutiu com um companheiro de trabalho e, durante a briga, levou cinco tiros de revólver no tórax. Foi levado para o Pronto Socorro e os médicos queriam operá-lo para extrair as balas. O cidadão disse que não precisava ser operado. Com certo esforço, tossiu e, durante a tosse, expeliu todas as balas pela boca".
3. "Minha mãe tocava piano muito bem. Uma vez apareceu aqui, no Recife, um musicista italiano que deu um concerto no Teatro Santa Isabel, que ficou apinhado de gente. Terminado o concerto, minha mãe, que estava na platéia, pediu licença, subiu ao palco (ela era uma menina de uns quinze anos) e, sem partitura e de improviso, tocou todo o concerto de cor, no que foi aplaudida de pé pelos que se encontravam no teatro".
4. "Eu moro em Santa Teresa, quase chegando em Olinda. Um dia, quando cheguei em casa, à noite, vindo do trabalho, encontrei minha mãe doente, precisando ser hospitalizada. Imediatamente botei minha mãe no carro e, à toda velocidade, voltei ao Recife com destino ao Hospital Português. Quando cheguei lá é que constatei que havia feito todo o percurso em marcha ré. Ainda hoje não sei como consegui porque, à noite, o trânsito é muito grande".

5. “Outra vez, num dia de domingo, para espairecer um pouco, fui ao jardim de nossa casa, jardim cheio de árvores no qual, num dos cantos, havia uma roseira cujos galhos se arrastavam pelo chão. Eram, mais ou menos, umas cinco horas da tarde. De repente ouvi uma pessoa cantando, baixinho: — “O meu lencinho, todo bordado!”. Olhei pra um lado e pra outro, meio assombrada, querendo saber quem era que estava cantando. E a voz continuava: — S“O meu lencinho, todo dourado!”. Nisso, eu fui me aproximando da roseira e constatei que estava acontecendo o seguinte: debaixo da roseira, no chão, estava um pedaço de disco de vitrola, medindo uns dez centímetros e quando a brisa açoitava os galhos da roseira, um deles, mais perto do chão, passava por cima do pedacinho do disco e o espinho da roseira tocava: — “O meu lencinho, todo dourado!”. Suspirei, aliviada, depois de um susto tão grande”.

OS PROVÉRBIOS DA MENTIRA

Também designado como *adágio*, *ditado*, *anexim*, *exemplo*, *refrão*, *refrém* e *rifão*, o provérbio – máxima ou sentença de caráter prático e popular, comum a todo um grupo social, expressa em forma sucinta e geralmente rica em imagem – também se faz presente na universalidade da mentira. É que todos os povos têm seus provérbios que conseguem, muitas vezes, ultrapassar as fronteiras do seu *habitat* de origem para se adaptar na totalidade de seu conteúdo ou, mesmo por meio de variantes, ingressarem na literatura oral de outros povos.

O provérbio geralmente contém uma boa dose de sabedoria popular que chega a ganhar um sentido filosófico.

Os humoristas, entretanto, gostam de brincar com essa sabedoria filosófica, popular e milenar, dando-lhes nova versão, como no caso do que diz que “Quem dá aos pobres, empresta a Deus”, passa a ser “Quem dá aos pobres ou empresta, adeus!” Ou no que ensina a não deixar o certo pelo duvidoso “Mais vale um pássaro na mão do que dois voando” que ganha outro sentido, assim: “Mais vale um galo na mão do que dois na testa”.

Mas, vejamos alguns provérbios que dizem respeito à mentira e aos mentirosos:

Em tempo de guerra, mentira como terra.
Aos mentirosos, convêm ter boa memória.
Mente bem quem de longe vem.
Mente com quantos dentes tem na boca.
Mente mais do que dá pelo amor de Deus.
Mente Marta como subscrito de carta.
Mente como cesto roto.

Mentira de caçador sempre foi a maior.
Mente Pedro porque tem de vezo.
Mentira não paga siza.
Mente tanto que dá com a língua nos dentes.
É mais fácil pegar um mentiroso do que um coxo.
A mentira tem pernas curtas.
Mente o velho em sua terra e os moços na terra alheia.
Viagens longas, grandes mentiras.
Em boca de mentiroso o certo é duvidoso.
A mentira só prevalece enquanto a verdade não chega.

A MENTIRA NA LINGUAGEM POPULAR

Na boca do povo – legendas escritas nos pára-choques dos caminhões, trovas, culinária, letras da música popular brasileira, crendices – a mentira encontra sua guarida cotidiana como resultado da afirmativa de que é o povo quem faz a língua de uma nação. Somente depois que o povo cria as palavras é que os lexicógrafos arrumam-nas em estudos lingüísticos e nas páginas dos dicionários, passando, a partir de então, a pertencer à língua falada e escrita de sua gente.

Existindo em todo mundo, na totalidade das classes sociais, *branca* ou *verdadeira*, a mentira, não podendo ser a exceção de uma regra universal, também participa dessa linguagem popular, de ambas as maneiras, contribuindo, assim, para seu enriquecimento.

- *Mentir como cachorro de preá*: diz-se de quem mente pra valer.
- *Mentir como cesto roto*: diz-se de quem mente muito.
- *Mentira cabeluda*: diz-se quando a mentira é grande demais.
- *Chico*: sinônimo de mentiroso.
- *Broca*: sinônimo de mentira.
- *Mentira carioca*: biscoito muito leve, de polvilho, em forma de dedo ou rosca.
- *Mentira de nove modas*: são as mentiras contadas por alguém, de uma só vez.
- *Patranha*: sinônimo de mentira.
- *Mentirinha*: nome que os fluminenses dão aos tarecos.
- *Mentirosas*: são as primeiras flores do cacaeiro, sobretudo

- as novas, mas que não chegam a frutificar.
- *Peta*: sinônimo de mentira.
 - *Potoqueiro*: sinônimo de mentiroso.
 - *Fulano não me deixa mentir*: diz-se quando alguém corrobora a mentira que outra pessoa está dizendo.
 - A verdade pesa como chumbo e a mentira, como pluma (legenda de caminhão).
 - A mentira chegou ali (na pessoa) e armou a rede: o mentiroso sempre mentirá.
 - *Mentira deslavada*: é a mentira exagerada.
 - *Lorota*: sinônimo de mentira.
 - *Faveiro*: sinônimo de mentiroso.
 - *Mentir fogo*: diz-se quando a espoleta da espingarda detona, mas não há disparo em virtude, na maioria das vezes, da umidade da pólvora. O mesmo que *quebrar-o-católé*. *Mentir fogo* também é faltar ao que foi combinado, ao compromisso assumido.
 - *De mentira*: de faz-de-conta. Sou seu avô de *mentira*, de *mentirinha*.
 - *Loroteiro*: sinônimo de mentiroso.
 - *Mentira*: diz-se do *pastel-de-vento*, sem azeitona, sem recheio.
 - *Conversa pra boi dormir*: mentira.
 - *Rodela*: sinônimo de mentira.
 - *Gambela*: idem.
 - *Moca*: idem.
 - *Mariquinha*: idem.
 - *Carapeta*: idem.
 - *Mentir pra mais da barra*: mentir excessivamente.
 - *Maranhoso*: sinônimo de mentiroso.
 - *Pabola*: idem.
 - *Patranheiro*: idem.
 - *Pomadista*: idem.
 - *Pregador*: idem.
 - *Mentiroso feito cachorro de bagaceira*: comparação popular corrente na zona canavieira do Nordeste, baseada no fato de que cão de *bagaceira*, ladra sem motivo, causando alarme sem qualquer razão, alarme falso, mentiroso.

- *Loa*: sinônimo de mentira.
- *Cascata*: idem.
- *Goma*. idem.
- *Conto*: idem.
- *Conta da carochinha*: idem.
- *Potoca*: idem.
- *Pomada*: idem.
- *Conversa mole*: idem.
- *Lorotagem*: idem.
- *Maxambeta*: idem.
- *Rodela*: idem.
- *Prego*: idem.
- *Paçoca*: idem.
- *Mentir pelas tripas de Judas*: mentir deslavadamente.
- *Mentir pela gorja*: diz-se de quem mente com o maior cinismo, descaradamente. Gorja é garganta.
- *A mentira é a arma do covarde*: legenda de pára-choque de caminhão.
- *Quem come casca de queijo fica mentiroso*: trata-se de uma crendice popular.
- *A mentira faz com que o nariz cresça*: influência do livro *Pinóquio*, do italiano Carlo Collodi, lido pelas crianças do mundo inteiro, creio.
- *Se não minto, se não me falha a memória*: diz-se quando não se tem a certeza absoluta do que se está dizendo.
- *Sete é a conta do mentiroso*: o número sete é o preferido pelos mentirosos, mas não consegui encontrar uma explicação da preferência.
- *Sou pobre e feliz: uma das duas coisas é mentira*: legenda de pára-choque de caminhão.
- Sobre a mentira, encontrei esta quadra popular:
 - “Quem se dispõe a mentir
sua fisionomia não sente
ainda que fale a verdade
todos lhe dizem que mente.”
- *Dia da mentira*: Tudo começou em 1564, quando Carlos IX, rei de França, por uma *ordonnance* de Roussillon, Dauphine,

determinou que o ano começasse no dia primeiro de janeiro, no que foi seguido por outros países da Europa. É claro que, no início, a confusão foi geral, de vez que os meios de comunicação ainda eram inexistentes. Não havia rádio, televisão, nem mesmo o jornal, pois a invenção da imprensa, por Gutemberg, só aconteceu muitos anos depois. Antes de Carlos IX determinar que o dia primeiro de janeiro fosse o começo do ano, este tinha início no dia primeiro de abril, o que resultou ficar conhecido como *Dia da Mentira*, por força das brincadeiras feitas com a intenção de provocar hilaridade. Surgiram, então, as brincadeiras (que os franceses denominavam de *plaisanteries*) em todo o mundo, como a da carta que se manda por um portador, destinada a outra pessoa, na qual se lê o seguinte: "Hoje é primeiro de abril. Mande este *burro* pra onde ele quiser ir".

MENTIRA GOSTOSA?

Quem foi que disse que a mentira além de poder ser *branca*, *verdadeira* ou *mentirosa*, também poderia ser *gostosa*? Foi Luís da Câmara Cascudo quem inventou essa estória de *mentira gostosa* e eu fui, dentre outras pessoas, uma das testemunhas da criatividade do Mestre, quando ele criou essa nova qualidade de mentira.

A invenção da *mentira gostosa* aconteceu na minha presença quando, numa das minhas viagens a Natal por ocasião de um Congresso de Folclore (não recordo a data exata), estive na casa de Luís da Câmara Cascudo em companhia de Carmen — com quem estou casado há mais de cinquenta anos — e de Veríssimo de Melo. Ir a Natal e não visitar Cascudo era a mesma coisa que ir a Roma e não ver o Papa.

Naquele tempo Cascudo já tinha problemas auditivos e a gente precisava escrever as perguntas para que ele as respondesse de viva voz. Fiz-lhe algumas perguntas escritas que foram respondidas com aquela bondade e aquela atenção que caracterizam o saudoso Mestre.

Quando chegou a vez de Carmen falar, ela escreveu: — “Um dos motivos que me fizeram vir a Natal foi o de lhe fazer uma visita para conhecê-lo pessoalmente, uma vez que meu marido fala tanto em seu nome e lhe quer muito bem”.

Cascudo leu a pergunta e, com um sorriso nos lábios, respondeu:

— Eu sei que é verdade e fico muito contente com sua visita. Mas, se for mentira, é uma *mentira gostosa* de se ouvir!

Naquela tarde, daquele dia, estaria, assim, criada uma nova denominação de mentira: a *mentira gostosa*.

Saímos de sua casa, na Rua Junqueira Aires — onde residiu Cascudo e onde morou a Sabedoria -, sorrindo e felizes com a visita.

A MENTIRA E O MENTIROSO NA LITERATURA POPULAR EM VERSOS

A literatura popular em verso, também conhecida como *literatura de cordel* – por serem seus *folhetos* escanchados em um cordão esticado horizontalmente quando expostos à venda, como acontece com as revistas nas *bancas* atualmente – é, na maioria das vezes, uma espécie de jornalismo paralelo do circunstancial cotidiano.

Os poetas populares, mais letrados do que seus leitores, lêem as notícias nos jornais, escutam o que as radiodifusoras divulgam, vêem os programas de televisão e transpõem o que acontece no mundo cada vez menor de hoje para seus *folhetos*, escritos numa linguagem acessível, popular, quando não exploram a vida dos santos populares de sua devoção ou as aventuras de seus heróis.

Os poetas populares, entretanto, também costumam navegar no mundo do irreal, da ficção, do fantasmagórico, dando asas à sua imaginação criadora, abordando os temas mais diferenciados que se possam imaginar. E a mentira e o mentiroso não poderiam constituir a exceção de uma regra, dada a universalidade da mentira e à existência do mentiroso em todas as camadas sociais.

Passado o tempo de seus heróis populares, entre os quais se situaram, durante muito tempo, Lampião, Antônio Silvino e Antônio Conselheiro, e a exploração de temas envolvendo o Padre Cícero Romão Batista, no passado e, agora, os milagres de Frei Damião, os poetas populares passaram a escrever seus *folhetos* sobre temas mais atuais, como, por exemplo, a viagem do homem à Lua ou o aparecimento do Chupa Cabra, dada a circunstancialidade do assunto. E a mentira e o mentiroso, existentes desde os tempos imemoriais, também foram motivo de *folhetos*.

Consultando algumas coleções particulares de *folhetos* e as da

Fundação Joaquim Nabuco e do Museu do Homem e do Nordeste, consegui encontrar alguns poucos *folhetos* – pouquíssimos, até – tendo a mentira e o mentiroso como tema, o que não significa a existência de outros que não chegaram ao meu conhecimento.

Constatei a existência do *folheto A verdade e a mentira* (24 f.), da autoria de Moisés M. O. Mota Júnior, poeta popular com vários *folhetos* publicados (*O almoço de Damião*, *A descrição da cidade de Campina Grande*, *A Guerra do leão com o grilo* e outros). Infelizmente não me foi possível manuseá-los.

Manuel Almeida Filho, poeta popular paraibano, residente em Aracaju, é autor de mais de cem *folhetos*, um dos quais *A velha mentirosa que anda assombrando os namorados*. Com esse *folheto* aconteceu um erro de impressão. Na capa, consta como título *A velha mentirosa que anda assombrando os namorados*. Mas, no alto da primeira página, figura o verdadeiro título do *folheto* que é *A velha misteriosa que anda assombrando os namorados*, que nada tem a ver com a mentira ou com o mentiroso.

José Costa Leite, poeta popular pernambucano, também autor de muitos *folhetos*, publicou *Peleja de Zé Pretinho com Patativa do Norte*, no qual o tema da peleja é: *Todo homem é mentiroso e Mulher só tem falsidade*. O autor enumera as mentiras pregadas pelo homem e explora a falsidade das mulheres em décimas bem construídas e interessantes como as que se seguem:

O homem engana também
Digo com sinceridade
E pra falar a verdade
É quem sabe enganar bem
Depois é que ele vem
Dizer que é bom esposo
Contente e bem carinhoso
Tudo que diz é mentira
Minha razão ninguém tira
Todo homem é mentiroso.

Mulher tem no coração
veneno da serpente
E sabe enganar a gente
Com sua tapeação
Eva enganou Adão
Com toda sagacidade
Desde a antiguidade

Vive o homem padecendo
Eu, hoje vivo dizendo:
Mulher só tem falsidade.

Outro poeta popular, que não conseguiu identificar sua naturalidade, talvez seja paraibano – José da Rocha/José Bezerra da Rocha – autor de *A gata desordeira, O velhaco, o caboclo e os trez ladrões*, também publicou um folheto sobre a mentira e o mentiroso: *O homem que fez profissão da mentira e passou a crença a seu filho de seis anos, e, dos folhetos que conheço, é o único que realmente tem como tema a mentira.*

O folheto em questão conta a estória de um mentiroso e de seu filho de seis anos de idade, que passaram a vida mentindo e acabaram ficando ricos e donos do Engenho da Mentira. Vejamos como a coisa aconteceu:

Nesta historia eu convido
A digna população
Para comprar uma e ler
Com a devida atenção
Se caso não achar boa
Der a sua opinião

Havia em uma cidade
Do Brasil muito alem
Um homem que nunca tinha
Trabalhado a ninguém
Levava a vida mentindo
E vivia muito bem

Ele dizia eu não sei
Que diabo é aperreio
Aonde eu chego o povo
Me cerca eu fico no meio
Eu meto a língua pra cima
Só saio de bolso cheio

Mentia de profissão
Para esse ou para aquele
Até o próprio cigano
Rodava na unha dele
Tinha um filho com 6 anos
Mentia mais de que ele

Então este mentirozo
Custumava todo dia
Sahir pra rua mentir
Que já tinha freguezia
Ganhava muito dinheiro
E assim ele vivia

Porem quem vive na terra
Sempre estará sugeito
Ao revés do destino
Porque ele já tem feito
rico tornar-se pobre
E não tem quem dê mas geito

Justamente o mentirozo
Neste aperto se viu
Foi passar em uma ponte
E de cima escapoliu
Voltou para caza doente
Neste dia não mentiu

Chamou o menino e disse
Zuquinha tu és capaz
De assumir meu lugar
Porem repara o que faz
Pois eu indo, e não trazendo
Eu sei que tu vai e traz

O menino então seguiu
Para a cidade sozinho
Demorou quase uma hora
Brincando pelo caminho
Antes de chegar na rua
Encontrou com o padrinho

Disse abenção meu padrinho
E o padrinho abençoou
Que faz aqui na cidade
padrinho perguntou
Vim tratar de um negocio
E assim continuou

Faz 10 dias que papai
Foi passar uma revista
Num cortiço dos maiores
Que comprou a um dentista
Então a abelha mestra
Havia pegado a pista

Ele saiu a procura
Por uma longa estrada
Andou 18 quilômetros
Chegou em uma baixada
Bem perto duma lagoa
Acho ela asituada

Então papai nesta hora
Muito contente ficou
Nisto foi cortar o pau
Mas o machado saltou
Caiu dentro da lagoa
E a abelha dizertou

Ele que fez nesta hora
Fogo na água tocou
Depois da água queimada
Ele na lagoa entrou
Encontrou somente o cabo
machado se queimou

Ele voltou para casa
Bastante impressionado
Porque perdeu a abelha
A viagem e o machado
Assim mesmo trouxe o cabo
Pra não voltar desarmado

Foi a casa do ferreiro
E o ferreiro muito urgente
Fez do cabo um anzol
De tamanho diferente
Deu uma tempera bem forte
Depois entregou a gente

Papai foi ao açougue
Onde é afreguezado
Comprou 2 kilos de carne
E saiu muito veixado
Foi para a dita lagoa
Ver se pescava o machado

Quando ele chegou lá
Achou a coiza mudada
A lagoa estava cheia
Duma água enverdiada
Papai disse eu me arrisco
Mas sei que não acho nada

Ele pôz o anzol nagua
E começou a esperar
Com uma hora sentiu
Uma coisa beliscar
Mas era um peso pesado
Que ele não pude arrastar

Mas papai é muito forte
E já estava enraivado
Puxou o anzol com força
Que chega veio envergado
Era uma besta ferrada
Dum tamanho agigantado

É uma besta comprida
Castanha e bem amarela
Meu pai pegou um cabresto
Botou na cabeça dela
Ligeiramente voltou
Pra casa escanchado nela

A besta tem uma lepra
Em cima do espinhaço
E um sim de Salomão
Todo cheio de embaraço
Somente um olho na testa
Olhando para o espaço

Uma velha curandeira
Chamada dona Simôa
Disse a papai quele fosse
Sexta feira na lagoa
Desse 3 banhos na besta
Que ela ficava boa

Disse que depois do banho
Ele urgente comprasse
4 Kilos de feijão
e com banha misturasse
e ao sair do sol
ele na Besta passasse

Papai fez do mesmo jeito
Que a velhinha ensinou
Comprou logo o feijão
E com banha misturou
Deu um pouco de trabalho
Mas com muito cuidado passou

Depois que papai fez isto
Começou a nascer feijão
Por toda parte da Besta
Que cauza admiração
E todo dia ele colhe
Muito mas dum caminhão

Mas de uma tonelada
Ele colheu duma vez
E na segunda colheita
Ele calculou em trez
E nesta pizada assim
Vai até o fim do mez

Papai hoje ouviu dizer
Que meu padrinho queria
Comprar do feijão também
Uma **avultada** quantia
Eu **vim decretadamente**
Pra fazer a fregeuzia

Portanto eu quero saber
Se o senhor quer também
Compara do feijão da Besta
Grande quantidade tem
Faço um preço razoável
Que não farei pra ninguém

Eu sei que padrinho tem
Muito dinheiro guardado
Deve compara o feijão
E mandar pra outro estado
Aproveite em quanto o preço
Não está muito alterado

Passou mas de 2 horas
Esta mentira contando
E o padrinho em pé
Com toda calma escutando
Sem conhecer que o guri
Estava lhe tapiando
menino ainda disse
Padrinho o senhor vai
Olhar para o feijão
Eu avizo ao papai
Me diga qual e o dia
Que de caza ele não sai

Nisto o homem conheceu
Que estava sendo lezado
Pegou 100 cruzeiros e deu
A o proprio afilhado
Tomou o carro e seguiu
Bastante impressionado

Volta o menino a casa
Pulando de alegria
Entregou logo ao pai
A avultada quantia
Foi estudar outra Boa
Pra contar no outro dia

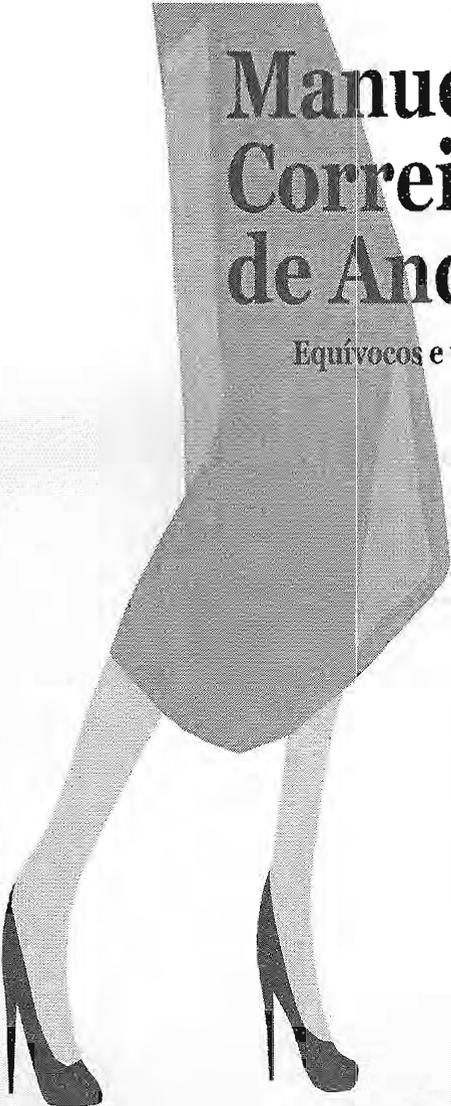
Com 5 ou 6 viagem
Que o garotinho fez
Fazendo meio de vida
Sem ter nenhum acanhez
Arranjou muito dinheiro
Contou-me assim um freguez

O velho então pegou
dinheiro do caipira
Comprou com ele um engenho
Quem for lá se admira
Ainda hoje é chamado
engenho da mentira

Trabalha dias e noites
Este engenho monstruozo
Fabricando muito álcool
E um açúcar gostoso
Porem só trabalha nele
Quem for mentiroso.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Horácio de. *Dicionário popular paraibano*. Campina Grande (PB) : Edições Grafset, 1984.
- AZEVEDO, Téo & Ângelo, Assis. *Dicionário Catrumano*. São Paulo : Letras e Letras, 1996.
- BARBALHO, Nelson. *Dicionário do açúcar*. Recife : Editora Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, 1984.
- CABRAL, Tomé. *Dicionário de termos e expressões populares*. Fortaleza : Universidade Federal do Ceará, 1982.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário brasileiro de folclore* (9ª ed.). Rio de Janeiro/São Paulo : Ediouro Publicações S.A., s/d.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa* (3ª ed., 2ª imp.). Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1999.
- FRADE, Cásia (org.). *Guia do folclore fluminense*. Rio de Janeiro : Presença, 1985.
- GIRÃO, Raimundo. *Vocabulário popular cearense*. Fortaleza : Imprensa Universitária do Ceará, 1967.
- IBIAPINA, Fontes. *Paremiologia nordestina* (2ª ed.). Parnaíba (PI), 1982.
- LAMENZA, Mário. *Provérbios*. Rio de Janeiro : F. Briguiet & Cia Editora, 1956.
- MAGALHÃES JÚNIOR, R. *Dicionário de provérbios, locuções, curiosidades verbais, frases feitas, etimologias pitorescas, citações*. Rio de Janeiro : Tecnoprint Gráfica Editora, s/d.
- MASUCCI, Felco. *Dicionário humorístico*. São Paulo : Edições Leia, 1958.
- MOTA, Leonardo. *Adagiário brasileiro*. Fortaleza : Universidade Federal do Ceará, 1982.
- NAVARRO, Fred. *Assim falava Lampião*. São Paulo : Estação Liberdade, 1998.
- NETO, Euclides. *Dicionário das roças de cacau e arredores*. Ilhéus (BA) : Editus, 1997.
- PEREZ, José. *Provérbios brasileiros*. Rio de Janeiro : Tecnoprint Gráfica Editora, MCMLXIX.
- SANTIAGO, Paulino. *Dinâmica de uma linguagem*. Maceió : Universidade Federal de Alagoas, 1976.
- SERAINÉ, Florival. *Dicionário de termos populares registrados no Ceará* (2ª ed.). Fortaleza : Stylus Comunicações, 1991.
- VICTÓRIA, Luiz A. P. *Dicionário de provérbios brasileiros e portugueses* (2ª ed.). Rio de Janeiro : Editora Gertum Carneiro s/d.
- VIOTTI, Manuel. *Novo dicionário da gíria brasileira* (3ª ed.). Rio de Janeiro/São Paulo : Livraria Tupã Editora, 1957.



Manuel Correia de Andrade

Equívocos e mentiras em História

01 – A VERDADE NAS CIÊNCIAS HUMANAS

Os estudiosos das ciências humanas têm, em geral, uma grande preocupação em elaborar os seus estudos com uma grande base na verdade, daí a profusão de pesquisas que procuram identificar e justificar os acontecimentos. Nem sempre, porém, eles conseguem se libertar de ideologias e preconceitos que os levam a justificar certas posições diante dos fatos; é que estas ciências estão muito ligadas aos sentimentos nacionais e à posição política dos estados, levando-os a procurar justificar a ação do seu povo frente à de povos vizinhos.

Os preconceitos e as posições ideológicas muitas vezes levam os autores a explicações errôneas e preconceituosas ou a exageros ecomiásticos. Assim, os romanos costumavam classificar como bárbaros os povos vizinhos que eles conquistavam ou pretendiam conquistar; também não respeitavam aqueles que haviam dado testemunho do seu nível de civilização, através das grandes obras realizadas, como os egípcios, os assírios, os babilônios ou povos distantes como os chineses e hindus.

Os colonizadores europeus consideravam os povos do mundo tropical, africanos, sobretudo, como inferiores ou selvagens. Chegavam até a duvidar de que eles tivessem almas. Com isso, procuravam justificar a espoliação que faziam nas terras descobertas, afirmando que o faziam para propagar a fé cristã e salvar os "aborígenes" do paganismo e da condenação ao inferno, após a morte. Daí admitir-se que a expansão européia, além da eurocêntrica, era também cristocêntrica.

Os portugueses alegavam que procuravam o Oriente tanto para controlar o comércio das especiarias como para apoiar o Príncipe Preste João, da Abissínia, que lutava contra os maometanos, e também para

contatar os cristãos nestorianos que viviam na Índia e haviam sido convertidos, no início da era cristã, por São Tomé.

Mesmo no século XX, muitos impérios foram consolidados na África às custas das nações negras, em benefício das metrópoles europeias, e sujeitas a viverem dentro de fronteiras traçadas arbitrariamente pelos colonizadores, em nome de um processo de cristianização e de desenvolvimento da civilização.

Na Primeira Guerra Mundial (1914/18), quando os alemães invadiram a Bélgica para chegar à França, a opinião pública mundial foi informada de que eles estavam decepando as mãos das crianças belgas, a fim de que elas, quando crescessem, não fossem capazes de lutar contra os invasores. Concluída a guerra, os vencedores organizaram grupos de assistência e recuperação das crianças decepadas da Bélgica e, para surpresa dos membros destas organizações, não foram encontradas crianças sem mãos.

Durante a guerra da Itália contra a Etiópia, a propaganda na mídia afirmava que a Itália estava atuando com a intenção de salvar do cativeiro a população escrava etíope, escondendo os verdadeiros interesses italianos de fundar um grande império na África Oriental e explorar as riquezas aí existentes, utilizando mão de obra barata.

02 – OS EQUÍVOCOS DA HISTÓRIA DO BRASIL

No Brasil, a idéia de se escrever a história do país, visando firmar sua identidade, foi assentada no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, nos meados do século XIX. Não se podia compreender um país, uma nação sem uma história que justificasse a sua existência; no caso do Brasil, a necessidade se completava com a de apresentá-lo como uma continuidade da história portuguesa, uma vez que ele era a única monarquia da América e que se libertara do jugo português mantendo a dinastia de Bragança no trono. Partiram daí para um projeto de von Martius, executado pelo visconde de Porto Seguro, defendendo a colonização portuguesa e o sistema monárquico de governo, a ponto de ser injusto para com a Revolução Pernambucana de 1817 (1857), certamente por ser ela republicana. Procurava enaltecer a colaboração indígena, como estava em moda, em meados do século XIX, com o domínio do romantismo, mas sem salientar a questão do negro. Para ele, o Brasil seria o resultado do esforço do português com uma pálida contribuição indígena.

Capistrano de Abreu, que seria o seu continuador, procurou salientar a contribuição regional à história brasileira e analisar a penetração para o interior, mas em seu livro, Capítulos de História Colonial, esqueceu,

propositadamente, a Inconfidência Mineira, talvez por considerá-la inexpressiva. Mas esta história vem tendo continuidade com a contribuição de numerosos escritores que, conforme suas tendências e posições filosóficas, vêm dando importância a fatos e acontecimentos. Poderíamos, face aos objetivos deste artigo, salientar algumas omissões ou mesmo inverdades que vêm sendo salientadas e que ganharam foros de verdade. Isto, por que se diz que uma mentira muito repetida tende a ser aceita como uma verdade.

03 – EQUÍVOCOS DA HISTÓRIA DO PERÍODO COLONIAL

Os historiadores, quando analisam o período colonial, tendem quase sempre a justificar o processo português de colonização, encarando-o como o legítimo proprietário do Brasil e colocando os franceses e holandeses que tentaram estabelecer colônias no território, hoje brasileiro, como invasores, e apontam os indígenas que defendiam o seu território como maus e selvagens e aos portugueses como pessoas boas. Para se ter uma idéia, enquanto enaltecem Tomé de Souza, primeiro governador, que amarrou indígenas na boca de canhões e depois disparou, despedaçando seus corpos, condenam os índios caetés porque teriam devorado o bispo d. Pero Fernandes Sardinha e seus companheiros de viagem, na costa alagoana, próxima à foz do rio Coruripe.

Criticam os aimorés por haverem guerreado os colonos de Ilhéus e Porto Seguro, e a Cunhambebe por haver formado a chamada Confederação dos tamoios para lutarem contra os colonos localizados no Rio de Janeiro e em São Vicente, que haviam se estabelecido em terras indígenas e trataram de escravizar aos próprios “selvagens”. Eles contam as glórias dos bandeirantes que expandiram o território nacional, provocando, como disse Alfredo Ellis Júnior, “o recuo do meridiano”, mas não chamaram a atenção de que este recuo era conseguido com o aprisionamento e a escravidão dos indígenas e destruição de suas aldeias e plantações. Até mesmo os chamados Sete Povos das Missões, do Sul do país, foram destruídos impiedosamente pelos bandeirantes.

Ao se analisar a chamada guerra holandesa, ocorrida na Bahia, em 1624/25, e em Pernambuco, de 1630 a 1654, alguns estudiosos afirmam coisas primorosas, como a de que o governador Diogo de Mendonça Furtado “rendeu-se heroicamente aos holandeses” no seu palácio. Isto estava escrito ao lado do portão de entrada do Palácio Rio Branco, até pouco tempo. Como é que alguém pode se render heroicamente? O que é uma rendição heróica? Nesta mesma guerra afirmam os historiadores que o almirante Pater, ao ter a sua capitânea atingida pelo fogo português,

envolveu-se na bandeira do seu país, exclamando “o oceano é o único túmulo digno para um almirante batavo”, e lançou-se ao mar. Como ele teria exclamado isto na ocasião de um naufrágio? Quem teria ouvido e anotado esta frase? E como teria ela passado à posteridade? Pereira da Costa, o grande historiador pernambucano, já chamava a atenção para o absurdo desta história.

Ainda na guerra holandesa, considerou-se que Domingos Fernandes Calabar, oficial mulato alagoano que mudou de lado na luta, era o protótipo do traidor, estabelecendo-se que a palavra calabar significa traição. Mas Calabar teria traído a quem? O Brasil não existia e fazendo uma opção entre a Espanha e a Holanda, Calabar estava traíndo a alguém? Ele não era espanhol e muito menos português. Interessante é que apenas Calabar carregou o labéu de traidor, mas muitos outros procederam da mesma forma, como o jesuíta Manoel de Moraes que passou para o lado dos holandeses, tornou-se calvinista e após a vitória lusitana voltou a ser súdito português e padre (Mello, 1967). Há também o caso de Duarte Gomes da Silveira, grande proprietário de terras e de escravos na Paraíba, que apoiou a conquista holandesa, assim como Gaspar van der Ley, senhor de engenho no Cabo e oficial holandês que na Restauração Pernambucana abandonou os seus e a sua religião para poder continuar a desfrutar da boa vida e dos lucros que obtinha no seu engenho Algodoads. Por que, de todos estes, só Calabar foi traidor? Certamente por ser mulato e pobre.

É estranho também o endeusamento que é feito a João Fernandes Vieira, “herói” da Restauração Pernambucana e senhor de vários engenhos, enriquecido com negócios com os holandeses e grande devedor à Companhia das Índias Ocidentais, que se perdoou de seus débitos, chefiou a guerra pátria, recebeu honras e menções, foi governador da Paraíba e de Angola e pagou escritores contemporâneos seus, para fazerem o elogio de sua pessoa e de suas ações. Sua fama só seria contestada a partir dos séculos XIX e XX, com os trabalhos de Pereira da Costa (1906) e de José Antônio Gonçalves de Mello (1956).

No século XVIII, o fato mais importante de nossa história teria sido a Guerra dos Mascates, em que se diz que Bernardo Vieira de Mello proclamou, a 10 de novembro de 1710, no Senado da Câmara de Olinda, a independência dessa cidade, que se organizaria como uma república aristocrática, semelhante a de Veneza. Segundo Joaquim Dias Martins em “Os Mártires Pernambucanos”, a ata da Câmara em que se transcreveu o “grito”, não foi encontrada, o que levou José Antônio Gonçalves de Mello (1983) a admitir que, não havendo documento não se pode admitir a existência do fato. Outros autores ficam em dúvida entre o sim e o não, de vez que os próprios responsáveis pelo “grito”, se ele ocorreu, podem ter tido o cuidado de destruí-la, a fim de eliminar provas que os condenavam.

Mas, verdade ou mentira, a cidade de Olinda comemora anualmente o acontecimento mais famoso de sua história.

O mesmo acontece com a Inconfidência Mineira, enaltecida como a revolta abortada de intelectuais que em 1789 queriam libertar a região aurífera, e que, descoberta por denúncia de um traidor — Joaquim Silvério dos Reis — abortou, sendo os seus mentores presos e condenados ao degredo na costa da África. Apenas um, o alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, foi executado na forca, justamente o revolucionário pobre que só seria considerado como protomártir da Independência após a Proclamação da República. Tomás Antônio Gonzaga, o apaixonado de Marília e grande poeta, morreria muitos anos depois em Moçambique, como negociante de escravos e funcionário real. E a pobre Marília viveria em Vila Rica, solitária e solteirona até a morte. Frei Caneca, admirador de Gonzaga e sofrendo problemas semelhantes, escreveu uma quadra que se tornou famosa :

“Entre Marília e a Pátria
Dividi meu coração
A Pátria tomou-me todo
Marília que chore em vão”.

É certo que Marília tenha chorado anos em vão, mas duvidamos muito que Gonzaga tivesse dividido o coração entre ela e a Pátria. Frei Caneca, o grande herói, foi certamente um pouco ingênuo.

A Inconfidência Baiana, de 1798, foi deixada de lado sem a evidência da Inconfidência Mineira, porque nesta estavam comprometidas figuras de expressão da sociedade mineira, enquanto na baiana os conspiradores eram, sobretudo, artífices, mulatos e alguns negros.

O maior acontecimento político do período colonial teria sido a chamada “revolução dos padres”, de 1817, em Pernambuco, quando, pela primeira vez, funcionou no Brasil um governo republicano que contestava o sistema monárquico de governo. Mas o nosso primeiro historiador oficial, o visconde de Porto Seguro, aborda a mesma com o maior desdém procurando desmerecer os seus heróis, para se colocar bem perante o imperador. E a revolução de 1817 só seria recuperada pelos historiadores, após a abdicação de d. Pedro I, sobretudo após a proclamação da República.

04 — OS EQUÍVOCOS DA HISTÓRIA DO PERÍODO IMPERIAL

Analisando-se a história do Brasil independente, a partir do Grito do Ipiranga, observa-se o primeiro equívoco quando, ao olhar para o quadro

que representa o acontecimento, d. Pedro é colocado com um grupo de auxiliares (seria de "áulicos"?) sobre uma colina, montado em um belo cavalo e levantando a espada para gritar o imaginário "Independência ou Morte". A cena foi idealizada para o quadro, inclusive porque, o grito não deve ter ocorrido na viagem de Santos a São Paulo, subindo a serra do Mar, que não era feita a cavalo, mas em mula. E a mula não aparece no quadro, certamente por não ter o porte do cavalo.

Como a Independência tivesse sido feita como um acordo das elites provinciais, procurando manter as instituições portuguesas, o sistema social da grande propriedade e da escravidão, resguardando a economia agro-exportadora, foi contestada por lideranças regionais e pelos grupos populares mais conscientes. Daí a perseguição ao núcleo republicano do Rio de Janeiro, a pressão sobre a elite canavieira de Pernambuco, ao comércio português na Bahia e a oposição da Cisplatina, conquistada e ocupada pelos portugueses mas conscientes de suas origens espanholas. Daí também a forma como os historiadores do período imperial trataram o movimento pela independência da Cisplatina, a Confederação do Equador e, posteriormente, os movimentos populares do período regencial, apontados como se fossem banditismo.

Na guerra da independência, marinheiros ingleses, como Cochrane e Grenfeld, foram apontados como heróis brasileiros, o primeiro recebeu até o título de Marquês do Maranhão, apesar de haverem atuado como mercenários e terem tomado medidas sanguinárias. Já revoltas populares, como a Cabanagem na Amazônia, a Balaiada no Maranhão e Piauí, a guerra dos Cabanos em Pernambuco e Alagoas e a Sabinada na Bahia foram completamente esquecidas pelos historiadores, querendo dar a entender que a independência brasileira tinha sido feita de forma pacífica e com uma unanimidade de opiniões.

Em geral, as intervenções brasileiras no Prata em 1820, na guerra da Cisplatina, em 1825/28, na guerra contra Rosas, em 1851, e, contra Lopez em 1864/70 – guerra do Paraguai – são apontadas como atitudes beneméritas do governo brasileiro em defesa da própria população platina e não como intervenções que procuravam estender o território brasileiro até o rio da Prata, os inimigos eram apontados como tiranos e monstros e os nossos generais e políticos, como homens desinteressados e dedicados a ações humanitárias. Geralmente escondem que nessas guerras o Brasil ampliou o seu território às custas do Uruguai e do Paraguai, como faria, posteriormente, com o Peru e a Bolívia.

O sistema político do Império era apresentado como um modelo de parlamentarismo à inglesa, quando se sabe que as decisões principais eram tomadas pelo imperador, utilizando, para isto, o chamado Poder Moderador que lhe fora concedido pela Constituição de 1824, quando os

gabinetes se faziam ao bel-prazer. Sempre que um partido estava no poder, organizava o ministério, procediam-se às eleições nas quais ele obtinha a maioria absoluta ou até a totalidade dos deputados. E foi um sistema como este que permitiu que o Brasil fosse o penúltimo país da América Latina a abolir a escravidão, quando esta já era anti-econômica.

A República só foi proclamada em 1889, devido a um golpe militar que contou com o apoio dos grandes cafeicultores paulistas e dos senhores de engenho do Nordeste, inconformados com a abolição da escravidão e temerosos de que o Império fizesse uma política de distribuição de terras a colonos estrangeiros, a brancos pobres, a posseiros e a escravos libertos.

05 – OS EQUÍVOCOS DA PRIMEIRA REPÚBLICA

A República brasileira foi um grande equívoco, de vez que o imperador e sua família foram banidos do país mas os presidentes passaram a usufruir de um poder “imperial”. Por blague, dizia-se até “Sua Majestade, o Presidente”. Com o seu poder pessoal ele controlava a composição da Câmara e do Senado, assim como, através das nomeações, o Judiciário. Os estados mais ricos, São Paulo e Minas Gerais, tinham o controle da Presidência e geralmente a um presidente paulista sucedia um mineiro e vice-versa. Chamava-se a este jogo de política “café com leite”. Cada Estado tinha a sua oligarquia dominante sempre ligada e dependente da vontade do presidente.

As várias tentativas de mudança foram reprimidas, até 1930, tanto as legalistas, chefiadas por Rui Barbosa, grande tribuno, duas vezes candidato à Presidência, quer as militares, como o levante do Forte de Copacabana, em 1922, e a revolta de 02 de julho de 1924, que rebentou em São Paulo e deu origem a legendária Coluna Prestes. Interessante é que na revolta do Forte, segundo os dados históricos, 18 oficiais, sob o comando do capitão Siqueira Campos, abandonaram o posto e foram se bater contra o exército na praia de Copacabana, ficando conhecido como o episódio dos 18 do Forte. Ocorre que, muitos anos depois do fato, o Brigadeiro Eduardo Gomes, um dos heróis, disse a um repórter que os 18 eram apenas 14.

A Coluna Prestes, um grande acontecimento militar da história brasileira, foi comandada por um general de polícia, Miguel Costa, tendo como chefe de Estado Maior um capitão comissionado em coronel do exército, Luís Carlos Prestes; a Coluna internou-se pelos sertões percorrendo numerosos estados e, após quase três anos, retirou-se para o Paraguai e a Bolívia sem definir muito precisamente os objetivos que pretendia atingir. Houve, assim, um contraste entre tanto sacrifício e tão

pouca objetividade. E sobre a famosa Coluna contam-se muitas histórias que se contradizem, umas endeusando e outras satirizando-a.

A Primeira República se concluiria com a Revolução de Trinta, quando se rompeu a política “café com leite”. Pelos acordos, o presidente de Minas Gerais, Antônio Carlos, deveria suceder ao presidente Washington Luís, político paulista; este, porém, preferia ter como sucessor o governador de São Paulo e seu afilhado político, Júlio Prestes de Albuquerque. Dizia-se, então, que a velha raposa, Antônio Carlos, havia exclamado “façamos a revolução, antes que o povo a faça”, e, assim, o Brasil teria uma revolução sem povo, o que é uma grande contradição. Daí, passou-se a condenar como anti-democrática a ação do presidente, querendo influir na eleição do sucessor. Ocorre, porém, que este princípio da democracia nunca foi atendido, de vez que Getúlio Vargas, o sucessor de Washington Luís, tornou-se o seu próprio sucessor com a reeleição em 1934 e o golpe de Estado de 1937.

06 – OS EQUÍVOCOS DA SEGUNDA REPÚBLICA

O período de dominação de Vargas foi rico em equívocos, mentiras e anedotários em que o ora presidente, ora ditador, transformou muitos políticos em marionetes. Conta-se até que certa vez ele estava descansando no Catete, ao lado de d. Darcy Vargas, quando chegou o ministro do exterior, Osvaldo Aranha, e fez acerbas críticas ao ministro da guerra, gal. Gaspar Dutra, Getúlio, após ouvi-las disse: “é Osvaldo, você tem razão”, em seguida entrou Dutra que fez as mesmas queixas contra Osvaldo Aranha, e Getúlio impassível respondeu: “é Dutra, você tem razão”. D. Darcy, após a saída do ministro da guerra, perplexa perguntou como ele dera razão aos dois ministros com posições contrárias, e Getúlio, calmamente respondeu: “é Darcy, você também tem razão”.

Era profundamente contraditório, desde que suas contradições o consolidassem no poder, convivendo com amigos e com ex-inimigos, fazendo-os ministros e prendendo-os ao sabor das circunstâncias e alimentando famosas estórias. Apesar de ditador e de haver fortes perseguições, ele desenvolveu uma política trabalhista e organizou o movimento sindical dependente do Ministério do Trabalho, fazendo-se apresentar como “o pai dos pobres”; os seus opositores diziam, então, “pai dos pobres e mãe dos ricos”.

Durante a Segunda República, ocorreram movimentos armados, como o de São Paulo, de julho a outubro de 1932, movimento acusado de separatista e não de constitucionalista, como os paulistas se autoproclamavam; o separatismo, que era aceito apenas por uma pequena

facção do movimento, foi utilizado para coibir simpatias ao movimento fora de São Paulo.

Em 1935, com a revolta dos partidários da Aliança Nacional Libertadora, apoiados pelos comunistas e com levantes em Natal, Recife e Rio de Janeiro, foram feitas acusações que depois seriam constatadas como falsas. Uma delas, a de que os comunistas haviam morto oficiais que estavam dormindo no Quartel General do Recife, quando, na verdade, os oficiais morreram lutando, defendendo suas posições políticas, e outra que os revolucionários haviam estuprado as moças de Natal e do Recife que se encontravam nas áreas ocupadas por alguns dias ou horas, o que levou os familiares das “donzelas” a contestarem a afirmação que poderia prejudicar o futuro das mesmas. E nenhum caso de estupro foi constatado ou comprovado. Também espalharam que os comunistas eram contra a família e tão selvagens que costumavam “comer criancinhas no café da manhã”. Esta grosseira insinuação foi aceita por muita gente ingênua e crédula até que o senador, então comunista, Roberto Freire, afirmou que os comunistas não costumavam comer criancinhas mas que gostavam de “fazer criancinhas”.

O Estado Novo caíria em 1945, e a ele se seguiria um período calmo, relativamente redemocratizado, até 1964, quando ocorreu o golpe militar que implantou um sistema autoritário de poder até 1985. O período getuliano, que durou cerca de 15 anos, foi muito fértil em equívocos e em mentiras.

Dentre as mentiras deste período, pode-se mencionar um fato ocorrido no Recife, a 03 de março de 1945, quando uma passeata organizada pelos estudantes de Direito e de Engenharia, contra o Estado Novo, foi agredida por policiais e sindicalistas armados, ao realizarem comício na Praça da Independência. A passeata, autorizada pela polícia, saíra da Faculdade de Direito e percorrera as ruas do Hospício e da Imperatriz, atravessando a ponte da Boa Vista e a rua Nova, detendo-se na chamada Pracinha, em frente ao Diário de Pernambuco. Ao se iniciarem os discursos de líderes opositores, inclusive de Gilberto Freyre e de Geraldo Andrade, foram surpreendidos por pessoas armadas que saíram de um bar situado no térreo do edifício do Diário e passaram a atirar para a sacada do jornal e para a praça. A multidão procurou refúgio nas casas comerciais situadas na praça, no próprio Diário ou deitando-se no solo. Após o tiroteio estavam gravemente feridos o estudante Demócrito de Souza Filho e o operário Manuel Elias dos Santos, que faleceram no Pronto Socorro. Com a população indignada, as autoridades governamentais passaram a acusar o Diário e os próprios manifestantes pelo tiroteio, isentando a polícia. O Diário teve a sua circulação suspensa e o Governo procurou se eximir da culpa através do jornal Folha da Manhã. A ditadura de Vargas já atingia o crepúsculo e a

mentira fabricada não conseguiu prosperar, de vez que inquérito realizado, sob pressão popular, culpou policiais e sindicalistas pelo incidente; tentaram adulterar a história mas não o conseguiram.

07 – EQUÍVOCOS NA HISTÓRIA RECENTE

Redemocratizado o país, com a Constituição de 1946, dezoito anos depois, em 1964, foi instaurado o regime autoritário que muito usou da mistificação na interpretação dos fatos, para justificar atitudes e ocorrências.

Mesmo antes, durante o período considerado como democrático, os beneficiários do Estado Novo conseguiram manter-se no poder, exercer um grande controle no governo de Dutra. A reeleição de Getúlio Vargas, agora com plataforma democrática, permitiu uma certa abertura política e econômica, com a vitória do movimento em favor do estabelecimento do monopólio da exploração do petróleo e a criação da PETROBRÁS e da decretação de uma política nacionalista que preservava a economia nacional do controle das transnacionais. Foi a época da Eletrobrás, da Petrobrás e de outras empresas nacionais e também da disputa entre nacionalistas e "entreguistas" que foram precursores da política neo-liberal, fortalecida a partir de 1964, e intensificada nos anos Noventa. Na época, nacionalista era quem defendia o monopólio estatal da exploração do petróleo, liderada pelo gal. Horta Barbosa; entreguistas eram os que, como Juarez Távora, defendiam a entrega das jazidas petrolíferas à exploração pelo capital estrangeiro.

Os ânimos se exacerbaram, Getúlio Vargas, vencido pelo grupo lacerdista, suicidou-se, mas o gal. Lott impediu que os entreguistas se apossassem do poder, o que permitiu a eleição de Juscelino Kubistcheck e a realização de um dinâmico governo com fins a fazer que o Brasil "crescesse 50 anos em 5". Entre outras realizações, foi construída Brasília, desenvolvida a rede rodoviária e consolidada a indústria automobilística.

No governo de João Goulart, que continuava o mandato de Jânio Quadros, os grupos conservadores, temendo a realização da reforma agrária, passaram a acusar o presidente de desejar dar um golpe, apoiado nas esquerdas, para implantar uma república sindicalista e encaminhar o país para o socialismo. Vivia-se o momento em que os Estados Unidos e a União Soviética disputavam a liderança mundial, que seria concluído com a vitória americana, em 1989, e a dissolução da União Soviética.

Neste período, acusações as mais disparatadas entre as forças de direita e de esquerda foram feitas, como se pode ver nas publicações de jornais, revistas e livros.

A vitória do golpe militar de 64 consolidou o domínio da direita e o encaminhamento do Brasil a uma posição de solidariedade irrestrita à política americana, como ocorreu em 1965, com a intervenção na República Dominicana para manter o controle do pequeno país antilhano nas mãos dos continuadores de Trujillo. Brasileiros ilustres e patriotas denodados tiveram que abandonar o país, acusados de crimes fictícios e hediondos, até que a ala golpista sentiu-se bastante forte para fazer a “abertura lenta e gradual”, para uma democracia formal e controlada, em grande parte, por participantes dos governos autoritários.

A anistia acobertou todos os excessos do regime de exceção, ao contrário do que ocorreu na Argentina onde os antigos ditadores foram julgados e alguns se encontram presos, e no Chile onde se procede ao julgamento do gal. Pinochet.

Com uma rápida descrição procuramos demonstrar, através de exemplos, como a história é vítima de mistificações e que nem sempre ela pode ser fiel à verdade, dependendo de documentos, de depoimentos e de testemunhos que são redigidos ou prestados por pessoas de posições políticas diferentes, que exprimem o seu testemunho de acordo com os seus interesses e os seus preconceitos. Daí a necessidade de que, ao elaborar os seus trabalhos, o historiador procure se libertar dos seus próprios preconceitos e ideologias e faça uma análise crítica e apurada dos documentos que utiliza, sejam eles escritos – relatórios, artigos, livros etc – sejam orais, onde podemos colocar as catalogadas como de história oral, tão utilizadas nos dias que correm.

Procuramos fazer um balanço das omissões, lacunas e mentiras na história brasileira, levando em conta o fato de ser a história oficial escrita por pessoas ligadas ao sistema de poder, que procuram fazer uma história aristocrática, que dá primazia ao colonizador, ao branco, em detrimento do negro escravo e do índio, que procura enaltecer o vencedor em detrimento do vencido. Poucos são os que salientam feitos como o do Zumbi dos Palmares, de Vicente Ferreira de Paula, de Antônio Conselheiro, do dr. Sabino da Rocha Vieira, de Calabar, diante da ação de homens que defenderam o poder constituído, como Caxias, Osório, Tamandaré, Floriano Peixoto. Daí também o verdadeiro endeusamento a Pedro II e a crítica severa àqueles que se opuseram ao poder imperial. Poucos são os vencidos que conseguiram um lugar de relevo na nossa história, como Tiradentes, Frei Caneca, Padre João Ribeiro, Bento Gonçalves, Saldanha da Gama, e só depois que as suas idéias foram vitoriosas e suas virtudes reconhecidas.

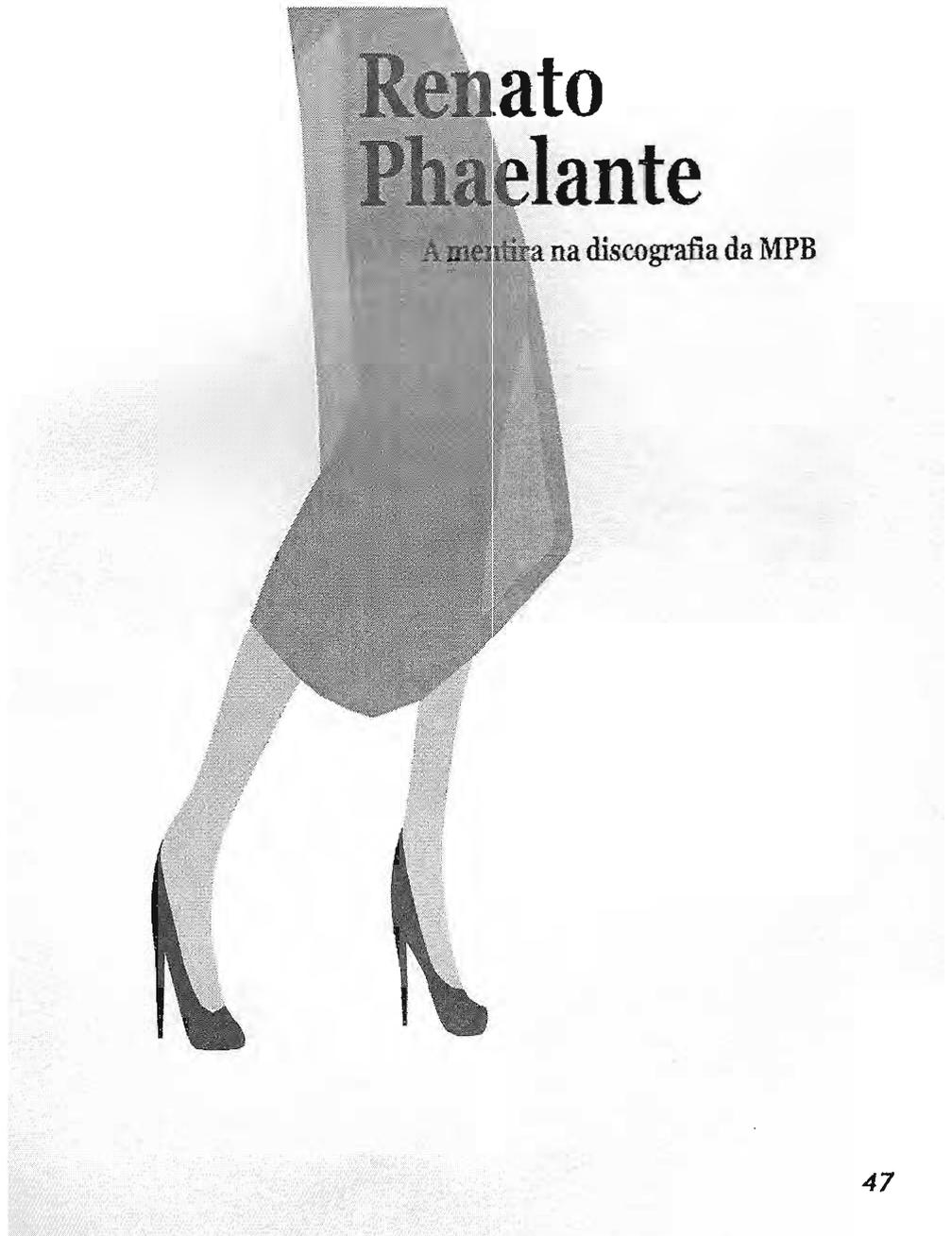
A história brasileira vem sendo reconstituída, a partir do século XX, graças a trabalhos como os de Manuel Bonfim, Euclides da Cunha, Oliveira Lima e Joaquim Nabuco e, mais intensamente, a partir dos anos Trinta, quando se procurou ressaltar a importância do negro, através de

estudos como os de Gilberto Freyre, Artur Ramos, René Ribeiro e Edson Carneiro. Salienta-se ainda a importância da contribuição de geógrafos, historiadores, sociólogos, economistas, cientistas políticos, como Caio Prado Júnior, Celso Furtado, Orlando Valverde, Josué de Castro, Milton Santos, José Honório Rodrigues, Florestan Fernandes, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Fernando Henrique Cardoso, Octávio Ianni, e muitos outros. A contribuição literária também é fundamental; quem pode pensar em conhecer bem o problema da cana de açúcar, do apogeu e da decadência dos engenhos do Nordeste, sem ler José Lins do Rego, ou sobre a civilização do cacau, sem conhecer a obra de Jorge Amado. Quem pode refletir sobre o que o povo pensa e diz, sem conhecer Luís da Câmara Cascudo ou Mário Souto Maior? Quem pode refletir sobre os problemas do campo sem ler José de Souza Martins, Ariosvaldo Oliveira e Graziano da Silva?

Assim, pensamos com Capistrano de Abreu que se necessita aprofundar mais o conhecimento da história local e regional para se poder fazer grandes sínteses e escoimar a história do Brasil das inexactidões, que são muitas.

BIBLIOGRAFIA

- VARNHAGEM, Francisco Adolfo de. História Geral do Brasil, 1ª. edição. Rio de Janeiro: E e H. Leemmont, 1857.
- MELLO, José Antônio Gonçalves de. Tempo dos Flamengos. Influência da Ocupação Holandesa na Vida e na Cultura do Norte do Brasil. Recife: Editora Massangana, 1967.
- COSTA, F. A. Pereira da. João Fernandes Vieira à Luz da História e da Crítica. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Pernambucano, 1906, Vol. 12 nº 67, págs. 169/280.
- MELLO, José Antônio Gonçalves de. João Fernandes Vieira, Mestre de Campo do Terço da Infantaria de Pernambuco. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1956.
- Introdução aos Anais Pernambucanos de Pereira da Costa. Recife: Vol. 5, FUNARTE, 1983.



Renato Phaelante

A mentira na discografia da MPB

Presente nas manifestações da memória popular, nos compêndios literários, na origem e evolução comportamental do homem social, político, cultural; no folclore e no seu dia-a-dia, a mentira e o mentiroso permanecem vivos e em evidência cada vez mais acentuada. Parte dessa evidência se deve à difusão desses dois elementos, nos dias atuais, através dos mais modernos meio de comunicação.

Houve quem afirmasse que *tudo no mundo é mentira*. Uma afirmação, naturalmente, de caráter leviano e que, se filosófico, poderia, também, sobreviver através de uma nova ótica *tudo no mundo é verdade*.

O hábito de mentir, inserido no conceito de atividades, como na política, por exemplo, adquire, mais das vezes, um caráter de verdade: *Todo político é mentiroso*. O que Quintiliano (1 a.C) amenizou ao afirmar: *o político que mente, tem que ter boa memória*. Nem por isso, até os nossos tempos, se excluiu a mentira como parte inerente ao político.

O grande baiano Rui Barbosa, em um dos seus discursos, afirmou: *Quem não mentiria para salvar a vida a um justo?* Enquanto o escritor Mário Quintana lançou uma visão, até certo ponto poética da mentira ao afirmar: *A mentira é uma verdade que se esqueceu de acontecer*.

Tem-se, então, estar a mentira exaltada tanto no dia a dia das pessoas, quanto na poesia, no teatro. Neste último, disfarçado sob a forma de humor, de sátiras e farsas.

Também na Literatura de Cordel, a mentira se faz presente, utilizando-se de títulos incríveis, tal qual em *O homem que virou bode*, de Dila Soares; *O fantástico caso do padre que morreu 136 vezes e ressuscitou*, de Abraão Batista; *O rapaz que virou cachorro porque zombou do Padre Cícero*, de Jota. Barros; *A moça que dançou com Satanás no Inferno*, de José Costa Leite; *O cavalo que defecava dinheiro*, de José Martins de

Athayde. Dentre vários cordelistas e seus temas fantásticos, um se destaca pela simplicidade e objetividade com que trata a mentira, repudiando-a. Trata-se de Marinês A. da Silva em seu libreto intitulado *Uma mulher mentirosa*:

*Uma mulher mentirosa
é uma lâmpada apagada
é uma igreja sem padre
é casa desmoronada
cadeira que não tem fundo
com suas pernas quebradas.*

A imprensa, há quem diga, certa vez, para provocar maior tiragem, teria publicado a seguinte manchete em primeira página: *Cachorro fez mal à moça!* E, dizem, conseguiu de fato grande vendagem. Só que o corpo da matéria, citava uma moça que se sentiu mal por haver comido um cachorro quente na rua. Se a manchete não pôde ser considerada uma mentira, foi, pelo menos, truncada, de duplo sentido.

Existe, sem dúvida, um sem número de colocações sobre a mentira e o mentiroso. O pensador Maurice Magre (1877-1941), registrou em seu livro *Os Lábios e o Segredo: Tenho medo daquela que nunca mentiu. Ela pode ser indiferente sendo fiel (...)* E mais adiante: *O amor é, freqüentemente, atraído pela virtude e a mulher que mente é sempre mais bela.*

Na imaginação popular, no entanto, a mentira é considerada coisa feia ou repleta de defeitos, como se pode observar nas expressões: *A mentira tem pernas cabeludas* ou *a mentira tem pernas curtas*.

Muito complexo é o mundo da mentira. Em suas nuances existem aquelas que são justificadas, quando se mente para ser agradável, por mera educação. É o caso de alguém que afirma estar deliciosa a comida feita pela amada quando na verdade ela é simplesmente intragável. Ou mesmo quando se utiliza a mentira para salvar a própria vida ou "tirar o pai da forca", como se diz comumente.

IncurSIONANDO pela discografia da MPB e levando em consideração o que foi gravado de 1902 até hoje, a mentira não aparece de forma constante. Parece mesmo não ser de grande importância nessa história, o que pode levar a crer — pelo menos aparentemente — não serem os compositores brasileiros, simpatizantes desse tipo de comportamento. Na verdade, a mentira só começa a surgir um pouco mais acentuadamente quando os versos se voltam para os temas de amor frustrado, incompreendido, roubado, desiludido, iludido, magoado, reprimido, fingido, sofrido, infiel, fracassado. Aí sim, a mentira ganha destaque.

Resgatamos alguns desses momentos na história de nossa discografia. Lamartine Babo (1904-1963), escreveu em 1933 o samba *A tua vida é um segredo*, lançado pela Victor na voz de Mário Reis, cujos versos dizem o seguinte:

*A tua vida foi um sonho e foi ventura
Foi lágrima caída no caminho da amargura
São nossas vidas comédias sempre iguais
Três atos de mentira, cai o pano e nada mais.*

O compositor Mário Lago (1911), em parceria com Custódio Mesquita (1910-1945), lançou pela gravadora Victor em 1941, na voz de Orlando Silva, o samba-choro *Mentirosa*, cuja letra diz:

*Mentirosa foste tu
Que um dia
Perante Santa Maria
Prometeste ser fiel
Quem mente perde a razão
Acaba de "déu em déu"
Não tem sossego na terra
E nem perdão lá no céu
(mentirosa fingida)
A tua promessa faliu
Tua jura também se quebrou
Mentiste ao meu coração
Mentiste ao Nosso Senhor
Eu sei que tu vives bem
Sem Ter os carinhos meus
Mas não podes ser feliz
Sem ter a graça de Deus
(mentirosa fingida)*

Quando se trata da traição amorosa, a religiosidade, o respeito cristão aos dogmas e às *coisas divinas* tão presentes na alma e no comportamento do homem brasileiro se refletem vivamente nessas composições populares.

Um outro exemplo está no samba de Zé da Zilda (1908-1954) e Marino Pinto (1916-1965), intitulado *Aos pés da Santa Cruz*, lançado em 1942 pela Victor, na voz de Orlando Silva:

*Aos pés da Santa Cruz
Você se ajoelhou
E em nome de Jesus
Um grande amor você jurou.
Jurou mas não cumpriu
Fingiu e me enganou
Pra mim você mentiu
Pra Deus você pecou.
O coração tem razões
Que a própria razão desconhece
Faz promessas e juras
Depois esquece.
Seguindo este princípio
Você também prometeu
Chegou até a jurar um grande amor
Mas depois esqueceu.*

Um outro enfoque, também amoroso, é aquele em que o cidadão tenta a reconciliação, esquecendo a mentira, a traição e acreditando, a todo custo, numa possível ajuda divina. Isso acontece na história da MPB em uma música de muito sucesso na década de 50, cantada até hoje nas rodas boêmias, o samba *Molambo*, composição do pernambucano Jaime Florence, mais conhecido como o Meira (1909-1982), em parceria com Augusto Mesquita. *Molambo* datado de 1953, foi gravado pelo então iniciante na música Cauby Peixoto em 1956, em selo Columbia.

*Eu sei
Que vocês vão dizer
Que é tudo mentira
Que não pode ser
Porque depois de tudo
O que ela me fez
Eu jamais deveria
Aceitá-la outra vez
Bem sei
Que assim procedendo
Me exponho ao desprezo
De todos vocês
Lamento, mas fiquem sabendo
Que ela voltou
E comigo ficou.*

*Ficou pra matar a saudade
A tremenda saudade
Que não me deixou
Que não me deu sossego
Um momento sequer
Desde o dia em que ela
Me abandonou.
Ficou pra impedir que a loucura
Fizesse de mim
Um molambo qualquer
Ficou dessa vez para sempre
Se Deus quiser.*

O talento poético de uma jovem compositora evidenciou-se na década de 70, através das interpretações do então rei da juventude brasileira, Roberto Carlos.

Isolda, em uma música bastante romântica intitulada *Outra vez*, propôs uma relação subjetiva entre a mentira e a verdade, quando diz em um trecho dessa melodia: *Você foi a mentira sincera (...)*

O poeta e compositor paraibano Luiz Ramalho (1931-1981), em sua criação intitulada *Veio d'água*, gravada em 1980 por Elba Ramalho (1951), utilizando-se da sabedoria popular e das reflexões próprias dos que viveram muitas experiências, usando o tema *mentira* e um seu sinônimo *fingir*, ensina e adverte sobre a arte de viver e amar:

*Um veio d'água na serra
É um olho d'água
Um veio d'água no rosto
É uma mágoa
a correr
Um pingo d'água na rosa
É uma beleza
Pra se ver.
Pode haver angústia no sorriso
Pode haver silêncio que difama
Pode estar mentindo quem te jura
Pode estar fingindo quem te ama (...)*

O veterano e saudoso compositor e produtor de Rádio e TV, Haroldo Barbosa (1951-1979), em parceria com Bidu Reis (1920) criou um dos clássicos da chamada "dor de cotovelo" na música brasileira e a mentira não poderia estar de fora. A música intitula-se *Bar da Noite*, um samba

canção de 1953, lançado, no mesmo ano, pela gravadora Continental, na voz de Nora Ney que viria a se tornar a intérprete preferida do poeta Antônio Maria, o qual também se debruçou sobre a famosa "dor de cotovelo" na MPB. Em *Bar da Noite*, a mentira esconde o sentimento real:

*Garçom, apague essa luz
Que eu quero ficar sozinha.
Garçom, me deixa comigo
Que a mágoa que eu tenho é minha.
Quantos estão pelas mesas
Bebendo tristezas
Querendo ocultar
O que se afoga no copo
Renasce na alma
Desponta no olhar.
Garçom, se o telefone bater
E se for pra mim
Garçom, repita pra ele
Que eu sou mais feliz assim.
Você sabe bem que é mentira,
Mentira noturna de bar
Bar tristonho sindicato
De sócios da mesma dor
Bar que é refúgio barato
Dos fracassados do amor!*

O intérprete e compositor Tito Madi (1929), falando em nome dos amantes desiludidos, tomando para si suas defesas e encarando as contradições tão próprias dos espíritos românticos, desabafou através do samba canção *Cansei de Ilusões*, lançado em 1957 na voz da cantora Vera Lúcia, pela gravadora Continental.

Parece-nos ser nessa música onde, em maior número de vezes, aparece a palavra *mentira* na discografia da MPB:

*Mentira
Fui tudo mentira
Você não me amou.
Mentira
Foi tanta mentira
Que você contou.
Tão meigos os seus olhos
Por Deus eu nem desconfie!*

*Histórias tão tristes
Você contou e acreditei
Pois quase chorei
Agora desfeita a farsa
Só resta esquecer
Mentiras que calam na alma
Fazendo sofrer
Rasguei suas cartas
Queimei suas recordações
Mentira
Cansei de ilusões.*

Herivelto Martins (1912-1992), um dos mais conceituados compositores da MPB, em parceria com o jornalista David Nasser (1917-1980), no samba *O Preço da Glória*, reflete sobre a luta do ser humano em sua busca de sucesso, de "um lugar ao sol", enfim da felicidade. E mesmo de forma crítica, a mentira se faz presente em sua letra:

*Se para subir na vida
Eu tiver que decair
Eu prefiro ficar onde estou
E não subir.
Se o preço da glória
Cobram caro demais
Eu prefiro ser apenas o que sou
E nada mais.
Eu escuto a voz da minha consciência
Eu dou as razões do coração
Não sou como a poeira que se eleva
E inevitavelmente volta ao chão.
Se a escada do sucesso
É uma descida
Se é preciso mentir
Para subir
Eu prefiro ser pobre como Jó
E não transigir.*

Dizem na poesia, existir quem procura viver uma fantasia e isso é visto como uma forma de mentira, mesmo que uma mentira amena, porque essa atitude, digamos assim, ilusória, tanto pode prejudicar aquele que dela desfruta quanto aos que por perto dos fantasiosos, vivem.

Num tom repreensivo a esse comportamento, o compositor Assis Valente (1911-1958) se pronuncia em alguns versos do samba *Novela*, em parceria com Leandro Mesquita, lançado na voz de Sônia Carvalho em 1937, pela gravadora Columbia.

*O seu viver é uma novela
Cheia de mentira
O seu viver é fantasia
Muito complicada
Eu acho bom você parar
Com esse proceder
E acabar com essa tal mania
Que viver de fantasia
Nunca foi viver (...)*

Na história da discografia da música popular brasileira, algumas músicas focalizam os românticos, que preferem a ilusão do amor eterno a uma paixão passageira. Para eles, uma mentira agradável é bem mais cômoda, o que os leva a ignorar a verdade.

A dupla Mário Lago e Custódio Mesquita fez muito sucesso nas décadas de 30 e 40 ao abordar esse tema no fox canção *Nada Além*, lançado pela Victor em 1938, na interpretação de Orlando Silva:

*Nada além
Nada além de uma ilusão.
Chega bem
Que é demais para o meu coração
Acreditando em tudo o que o amor
Mentindo sempre diz
Eu vou vivendo assim feliz
Na ilusão de ser feliz.
Se o amor
Só nos causa sofrimento e dor
É melhor,
Bem melhor a ilusão
Do amor.
Eu não quero e nem peço
Para o meu coração
Nada além
De uma linda ilusão!*

O intérprete mais popular da discografia brasileira nas últimas

décadas, é sem dúvida, o pernambucano Luiz Gonzaga (1912-1989). Alguns dos motivos de sua popularidade, além de seu indiscutível talento e sensibilidade musical, residem na grande utilização do rádio em sua era de ouro, nas suas viagens percorrendo todo o Brasil, servindo-se dos meios de transportes, os mais diversos, carro, trem, caminhão, avião e, até mesmo o jumento, animal bastante utilizado como meio de transporte através das estradas do interior nordestino.

A Luiz Gonzaga não escapou a *mentira* como tema de seu farto repertório quando em 1949 lançou pela RCA Victor, em parceria com o cearense Humberto Teixeira (1916-1979), a música *Lorota boa*, onde reúne histórias mentirosas comuns ao povo, algumas retiradas do próprio folclore, idênticas às de Trancoso, farofeiros, valentões, pescadores e caçadores, hoje tão popularizadas:

*Dei uma carreira num cabra
Que mexeu com a Maroquinha
Começou na Mata Grande
E acabou na Lagoinha
Corri mais de sete léguas
Carregado como eu vinha
Pois trazia na cabeça
Um balaio cheio de galinha*

Que mentira, que lorota boa (refrão – bis)

*Certa noite muito escura
Atirei de brincadeira
Espalhei dezesseis chumbos
Com a minha atiradeira.
No momento ia passando
Quinze patos no terreiro
Que caíram fulminados
Ô que tiro mais certo.*

Que mentira, que lorota boa (refrão – bis)

*(...) **You contar** agora um caso
Que outro dia aconteceu
Minha sogra está de prova
Que tal fato aconteceu
Uma cobra venenosa
Viu a velha e mordeu*

*Mas em vez de minha sogra
Foi a cobra que morreu.*

Que mentira, que lorota boa (refrão – bis)

*O meu primo Zé Pachoca
Mente tanto que faz dó
Me contou que pegou água
Enrolou e deu um nó
Que mentira mais danada
Que lorota mais à toa
Dar nó nágua não é possível
É poloca e das boas!*

No repertório do próprio Luiz Gonzaga vamos encontrar outros enfoques sobre a *mentira*, quando ela, (a mentira), não se encontra grafada, mas inserida nas imagens fantasiosas da relação entre os animais, bem dignas de nosso folclore mais precisamente no humor e na sátira, característica também de improvisadores, violeiros, cantadores, emboladores. Em parceria com Zé Dantas(1921-1962), Gonzaga compôs *Siri Jogando Bola*, gravada em selo RCA Victor e lançada em 1956, em ritmo de coco de praia e sua letra diz:

*Lá no mar
Vi dois siris jogando bola
Lá no mar
Vi dois siris bola-jogá.
Fui passeá
No país do tatu-bola
Onde o bicho tem cachola
E até sabe falá
Eu vi um porco
Passeando de cartola
Um macaco na iscola
Insinando o bê-a-bá.
Eu vi um peba
De batina e de istola
Vi um bode de pistola
Numa farda militá
Vi um mosquito
Ser pegado pela gola
E sê preso na gaiola
Por sê bebo e imorá(...)*

Essa pesquisa não esgota o assunto. Trata-se, antes, de uma colaboração com o intuito de resgatar para estudiosos, pesquisadores e curiosos, a utilização do termo *mentira* na discografia da música popular brasileira. Em um universo de, aproximadamente, 30.000 informações consultadas em fontes diversas, além de algumas letras de composições aqui apresentadas, passamos a relacionar o que conseguimos ainda colher em termos de gravações existentes sobre a matéria:

OS MENTIROÇOSOS – Humorismo, Jararaca e Ratinho, abril 1941; MENTIR – bolero, Danti Capelli, Star, 1951; MENTIRA DE AMOR – samba, Lourival Faissal, Odeon, novembro 1950; MENTIRAS DE MADAME – samba-choro, Henrique Gonçalves, Odeon, 1942; MENTIROSA – tango-canção, Paraguassu, Continental, agosto 1945; MENTIROSO – choro, Antônio Rago, Continental, 1947; MENTISTE – fado, Manoel Caramês, Continental, 1944; MENTIRA – bambo, Zé e Zilda, Odeon, 1954; MENTIRA – tango, Carlos Carrié/Flores/Juvenal Fernandes, Odeon, 1954; MENTIRA – samba, Oscar Bellandi/Chico Silva, RCA Victor, 1949; MENTIRA – samba, Ari Barroso, RCA Victor, 1951; MENTIRA – tango, De Flores, RCA Victor, c/ Wilson Roberto; MENTIRA – tango, Francisco Carraro, RCA Victor, 1956; MENTIRA – valsa, Mário Zan/Geraldo Costa, Continental, maio 1950; MENTIRA DE AMOR – beguine, Paulo Cezar, RCA Victor, julho 1952; MENTIROSO – choro, José Condé, Odeon 1948; MENTE – bolero, Fernando Cezar, Columbia, julho 1957; MENTES – samba-canção, Augusto Mesquita/Ary Monteiro, Copacabana, maio 1953; MENTINDO – tango, Lourival Faissal, Sinter, 1956; MENTIRA – bolero, Paulo Borges, Columbia, 1959; A MENTIRA ACABA – samba, Rui de Almeida/Provenzano, Todamerica, 1950; MENTIRA DE AMOR – bolero, Paulo Cezar, Sinter, setembro 1953; MENTIRA DO POVO, samba, Ataulfo Alves, Carnaval, 1950; A MENTIRA DO SIM, bolero, Isaura Cruz, Copacabana, 1962; MENTIRA PURA, samba, Ataulfo Alves/Jair Silva, Sinter, 1956; MENTIRAS DE AMOR – samba-canção, Lírio Panicelli/Paulo Cezar, Continental, 1955; MENTIROSA – tango, Seninha e Cebolinho, Continental, 1957; MENTIROSA – rumba, Rutinaldo/Moacyr Silva, 1957; MENTIROSA – bolero, Joan José Riveras, Copacabana, 1955; A MENTIRA SÓ VALE ENQUANTO A VERDADE NÃO CHEGA – forró, Gerson Filho, Chantecler, 1981; MENTISTE-ME – bolero, Orlando Dias, Odeon; NO RIACHO DE LIMEIRA, Manezinho Araújo, Columbia, 1938; PRA QUE MENTIR – samba, Vadico/Noel Rosa, Victor, 1938; FOI GRANDE – Milton Nascimento, Odeon, 1970; CICLONE – samba-canção, Adelino Moreira, RCA Victor, 1959; TENHO DESEJO – samba-canção, Adelino Moreira, RCA Victor, 1959; MIL PERDÕES – Chico Buarque, Phillips, 1983; MEDO DA CHUVA – canção, Raul Seixas/Paulo Torres, Fontana; MENTIRAS – Osmar Navarro, Polygram, 1972; MENTIROSA – samba-choro, Custódio Mesquita/Mário Lago, Victor, 1941; O

PREÇO DA GLÓRIA – samba-canção, Herivelto Martins/David Nasser, RCA Victor, 1959; O RANCHO DA GOIABADA – marcha-rancho, João Bosco/Aldir Blanc, RCA Victor, 1976; A TUA VIDA É UM SEGREDO – samba, Lamartine Babo, 1933; SE TODOS FOSSEM IGUAIS A VOCÊ – samba-canção, Tom Jobim/Vinicius de Moraes, 1956; DESAFINADO – samba, Tom Jobim e Newton Mendonça, Odeon, 1958; LÍGIA – samba-canção, Tom Jobim, Phonogram, 1973; SE É TARDE ME PERDOA – samba, Billy Blanco e Ronaldo Bôscoli, 1962; CHORANDO E CANTANDO – canção, Geraldo Azevedo e Fausto Nilo, Polygram; PEQUENO CONCERTO QUE FICOU CANÇÃO – Geraldo Vandré, Som Maior, 1966; RODA – Gilberto Gil/João Augusto, RCA Victor, 1965; CÁLICE – Gilberto Gil/Chico Buarque, Phillips, 1973; MULHER DE TRINTA – samba, Luiz Antônio, 1959; VALE QUANTO PESA – canção, Luiz Melodia, Bis, 1972; TE PEGO NA MENTIRA – baião, Sivuca/Glorinha Gadelha, 1978; LOROTA BOA – polca, Luiz Gonzaga/Humberto Teixeira, RCA Victor, 1949; CANSEI DE ILUSÕES, samba-canção, Tito Madi, Continental, 1957; SETE CANTIGAS PARA VOAR, canção, Vital Farias, Polygram, 1982; DOMINÓ – baião, Zé Ramalho, Epic-CBS, 1980; O VIOLEIRO – canção, Elomar, Guarupe, 1973; MENTINDO DE VERDADE – humorismo, Jararaca/Ratinho, Odeon, abril 1941; MENTE AO MEU CORAÇÃO – samba-canção, Francisco Malfitano, Columbia, 1938; MENTE POR FAVOR – fox-trote, Raul Roulien, Victor, 1933; MENTIR – samba, Mário Reis/Noel Rosa, Odeon, setembro 1932; MENTIRA – samba-canção, Fernando Lobo/Capiba, Columbia, 1937; MENTIRA CARIÓCA – marcha, Cezar Brasil/Jorge Faraj, Victor, 1939; MENTIRAS – embolada, José Nanine, Victor, 1930; MENTIRAS DE MULHER – samba, Noel Rosa, Columbia, fevereiro 1932; MENTIROSA – choro, Custódio Mesquita/Mário Lago, Victor, 1941; MENTIROSO – maxixe, Américo Jacolino (Canhoto), Odeon, maio 1928; MENTE-ME – bolero, A. Domingues/S. Silva, Chantecler, 1963; MENTIRA – samba-canção, Linda Rodrigues/A. Louro, RCA Victor, 1960; MENTIRA – samba-canção, Otávio Cornélio, Continental, 1962; MENTIRA – samba-canção, Dênis Breaan, Califórnia, 1959; MENTIRA DE AMOR – corrido, Sulino/Zé Fortuna, Califórnia, 1969; MENTIRA LUSITANA – marcha, José Gomes/Osvaldo Mendes, Chantecler, 1961; MENTIRAS – bolero, Carolina C. de Menezes, Odeon, 1958; MENTIRAS – polca, Biuzinho/J. Borges, Caboclo, 1964; MENTIRAS DE AMOR – samba-canção, Antônio Paurilo/Severino Barbosa, Repertório, 1960; MENTIRAS E VERDADES – samba, Walter Amaral, Chantecler, 1964; MENTIROSA – samba, Canarinho, Odeon, 1958; MENTIU – samba, Rômulo Paes/Gentil Castro/A. Godinho, Califórnia, 1960; VOCÊ MENTIU – rasqueado, Bolinha/Zulmiro, Odeon, 1958; VOCÊ MENTIU – Ventura Ramirez/Idalécio Dias, Chantecler, março 1960; VOCÊ MENTIU – bolero, Tito Martinez, Chantecler, 1961; SAUDADE MENTIROSA – samba-canção, Valdir Finoti, RCA Victor, 1960; ATO DE MENTIRA – samba, Conde/Roberto Martins, Califórnia, 1961;

FORRÓ DE GUARABIRA – Luiz Wanderley/Elias Soares, Copacabana, 1976;
VIOLÊRO – cantiga, Elomar, Estúdio de Invenções, 1988.

Neste resgate, anexamos ainda, algumas letras ou trechos de composições, cujo tema, *mentira*, foi explorado por vários mestres da MPB e que fizeram sucesso em décadas diversas:

SE É TARDE ME PERDOA

(Ronaldo Bôscoli/Carlos Lyra)

*Se é tarde me perdoa
Mas eu não sabia que você sabia
Que a vida é tão boa.
Se é tarde me perdoa
Eu cheguei partindo
Eu cheguei mentindo
Eu cheguei à toa
Se é tarde me perdoa
Trago desencantos de amores tantos
Pela madrugada
Se é tarde me perdoa
Eu vinha só cansado.*

CHORANDO E CANTANDO

(Geraldo Azevedo/Fausto Nilo)

*Quando fevereiro chegar
Saudade já não mata a gente
A chama continua
No ar o fogo vai deixar semente
A gente ri, a gente chora
Ai, ai, ai, ai a gente chora
Fazendo a noite parecer um dia
Faz mais, depois faz acordar cantando
Pra fazer e acontecer verdades e mentiras
Faz crer, faz desacreditar de tudo
E depois, depois do amor, ô, ô, ô, ô.
Ninguém, ninguém verá o que eu sonhei
Só você, meu amor
Ninguém verá o sonho que eu sonhei.
O sorriso quando acordar*

*Pintado pelo sol nascente
Eu vou te procurar
Na luz de cada olhar mais diferente
Tua chama me ilumina
Me faz virar um astro incandescente
Teu amor faz cometer loucuras
Faz mais, depois faz acordar chorando
Pra fazer e acontecer verdades e mentiras
Faz crer, faz desacreditar de tudo
E depois, depois do amor, amor*

PEQUENO CONCERTO QUE FICOU CANÇÃO
(Geraldo Vandré)

*Não
Não há por que mentir ou esconder
A dor que foi maior do que é capaz meu coração.
Não
Nem há por que seguir
Cantando só pra explicar
Não vai nunca entender de amor
Quem nunca soube amar
Ah
Eu vou **voltar pra mim**
Seguir sozinho assim
Até me consumir
Ou consumir
Toda essa dor
Até sentir de
O coração
Capaz de amor.*

RODA
(Gilberto Gil)

*Quero ver quem vai sair
Quero ver quem vai ficar
Não é obrigado a me ouvir
Quem não quiser me escutar
Quem tem dinheiro no mundo*

Quanto mais tem quer ganhar
E a gente que não tem nada
Fica pior do que está
Seu moço tenha vergonha
Acabe a descaração
Deixe o dinheiro do pobre
E roube outro ladrão
Agora vou divertir
Agora vou prosseguir
Quero ver quem vai ficar
Quero ver quem vai sair
Não é obrigado a escutar
Quem não quiser me ouvir
Se morre o rico e o pobre
Enterre o rico e eu
Quero ver quem que separa
O pó do rico do meu
Se lá em baixo há igualdade
Aqui em cima há de haver
Quem quer ser mais do que é
Um dia há de sofrer
Agora vou divertir
Agora vou prosseguir
Quero ver quem vai ficar
Quero ver quem vai sair
Não é obrigado a escutar
Quem não quiser me ouvir
Seu moço tenha cuidado
Com sua exploração
Senão lhe dou de presente
A sua cova no chão
Quero ver quem vai dizer
Quero ver quem vai mentir
Quero ver quem vai negar
Aquilo que eu disse aqui
Agora vou divertir
Agora vou terminar
Quero ver quem vai sair
Quero ver quem vai ficar
Não é obrigado a me ouvir
Quem não quiser me escutar.

BAR DA NOITE

(Haroldo Barbosa/Bidu Reis)

Garçon, apague esta luz
Que eu quero ficar sozinha
Garçon, me deixe comigo
Que a mágoa que eu tenho é minha
Quantos estão pelas mesas
Bebendo tristezas
Querendo ocultar
O que se afoga no copo
Renasce na alma
Desponta no olhar
Garçon, se o telefone bater
E se for pra mim
Garçon, repita pra ele
Que eu sou mais feliz assim
Você sabe bem que é mentira
Mentira noturna de bar
Bar, tristonho sindicato
De sócios da mesma dor
Bar, que é refúgio barato
Dos fracassados do amor.

COMO UMA ONDA

(Edson Motta/Lulu Santos)

Nada do que foi será
De novo do jeito
Que já foi um dia
Tudo passa, todo sempre passará
A vida vem em ondas como um mar
Num indo e vindo infinito
Tudo o que se vê não é
Igual ao que a gente viu a um segundo
Tudo muda o tempo todo no mundo
Não adianta fugir
Nem mentir pra si mesmo
Agora há tanta vida lá fora
Aqui dentro sempre
Como uma onda no mar

*Como uma onda no mar
Como uma onda no mar*

CODINOME BEIJA-FLOR
(Cazuza)

*Pra que mentir
Fingir que perdoou
Tentar ficar amigos
Sem rancor
A emoção acabou
Que coincidência é o amor
A nossa música nunca mais tocou
Pra que usar
De tanta educação
Pra destilar
Terceiras intenções
Desperdiçando o meu mel
Devagarinho flor em flor
Entre os meus inimigos,
Beija-flor
Eu protegi teu nome
Por amor
Em um codinome beija-flor
Não responda nunca
Meu amor
Pra qualquer um na rua
Beija-flor
Que só eu podia
Dentro da tua orelha fria
Dizer segredos
De liquidificador
Você sonhava acordada
Um jeito de não sentir dor
Prendia o choro
E aguava o bom do amor
Prendia o choro
E aguava o bom do amor.*

PRA QUE MENTIR
(Vadico/Noel Rosa)

*Pra que mentir
Se tu ainda não tens esse dom
De saber iludir
Pra quê? Pra que mentir
Se não há necessidade de me trair?
Pra que mentir
Se tu ainda não tens
A malícia de toda mulher?
Pra que mentir
Se eu sei que gostas de outro
Que te diz que não te quer?
Pra que mentir tanto assim
Se tu sabes que eu já sei
Que tu não gostas de mim?*

NO RIACHO DA LIMEIRA
(Manezinho Araújo)

*E a fonte a cantá, chuí, chuí!
E a água a corrê, chuê, chuê!
No riacho da Limeira
Eu vi sá Chica se banhá
É mentira seu Mané
É mentira, seu Mané
É mentira, é mentira
Que sá Chica não foi lá
Há quem afirme
Que sá Chica Fogueteira
No riacho da Limeira
Toma banho no verão
E que essa véia
É pió que uma sereia
Se lambuza na areia
Mas não gosta de sabão
E que um sujeito
Certa vez bem escondido
Achou muito divertido
Ela a brincar de tubarão*

E disse vendo
A grossura dessa bruxa:
Descobri nessa gorducha
A terceira dimensão!
E apesar
De tá na casa dos quarenta
Essa véia inda agüenta
Uma festa a noite inteira
Não se atrapalha
Berra e dança, conta prosa
E sempre diz toda dengosa
Que há de morrer sortera.
E que tem sempre
Enjeitado coisa boa
Só porque sua pessoa
Não nasceu pra se casar
Mas que inda hoje
Quando vai lá na Limeira
Deixa os moço com coceira
Sem ter purga no locá
Quando tá beba
Sinhá Chica faz horrores
Diz que são embriagadores
Os seus beijos de mulher
Mas não encontra
Quem dê um beijinho nela
Pois é grande a boca dela
Que até usa fecho-eclair
Dá um sorriso
Que até mete medo à gente
Sai de barriga pra frente
Dizendo que desacata
E se alguém fala
Ela diz muito empinada
Que a barriga é dilatada
Por comer doce de lata.

SE TODOS FOSSEM IGUAIS A VOCÊ

(Tom Jobim/Vinícius de Moraes)

*Vai tua vida
Teu caminho é de paz e amor
A tua vida
É uma linda canção de amor
Abre os teus braços e canta
A última esperança
A esperança divina
De amar em paz.
Se todos fossem iguais a você
Que maravilha viver!
Uma canção pelo ar
Uma mulher a cantar
Uma cidade a cantar
A sorrir, a cantar, a pedir
A beleza de amar
Como o sol, como a flor, como a luz
Amar sem mentir nem sofrer
Existiria a verdade
Verdade que ninguém vê
Se todos fossem no mundo iguais a você!*

LÍGIA

(Tom Jobim)

*Eu nunca sonhei com você
Nunca fui ao cinema
Não gosto de samba
Não vou a Ipanema
Não gosto de chuva
Nem gosto de sol
E quando eu lhe telefonei
Desliguei, foi engano
Seu nome eu não sei
Esqueci no piano
As bobagens de amor
Que eu iria dizer
Não, Lígia, Lígia
Eu nunca quis tê-la ao meu lado
Num fim de semana*

Um chope gelado
Em Copacabana
Andar pela praia
Até o Leblon
E quando eu me apaixonei
Não passou de ilusão
O seu nome rasguei
Fiz um samba-canção
Das mentiras de amor
Que aprendi com você
É, Lígia, Lígia
E quando você me envolver
Nos seus braços serenos
Eu vou me render
Mas seus olhos morenos
Me metem mais medo
Que um raio de sol
Lígia, Lígia.

DESAFINADO

(Tom Jobim/Newton Mendonça)

Se você disser que eu desafino, amor
Saiba que isto em mim provoca imensa dor
Só privilegiados têm ouvido igual ao seu
Eu possuo apenas o que Deus me deu
Se você **insiste em classificar**
Meu comportamento de antimusical
Eu, mesmo mentindo, devo argumentar
Que isto é bossa nova, que isto é natural
O que você não sabe, nem sequer presente
É que os desafinados também têm coração
Fotografei você na minha Rolleiflex
Revelou-se a sua enorme ingratidão
Só não poderá falar assim do meu amor
Este é o maior que você pode encontrar, viu!
Você com sua música esqueceu o principal
Que no peito dos desafinados
No fundo do peito, bate calado
No peito dos desafinados
Também bate um coração!

O RANCHO DA GOIABADA

(João Bosco / Aldir Blanc)

*Os bóias-frias
Quando tomam umas biritas
Espantando a tristeza
Sonham com bife a cavalo
Batata frita
E a sobremesa
É goiabada cascão
Com muito queijo
Depois café, cigarro
E um beijo de uma mulata
Chamada Leonor ou Dagmar
Amar
O rádio de pilha
O fogão jacaré
A marmita, o Domingo, o bar
Onde tantos iguais se reúnem
Contando mentiras
Pra poder suportar
Ai, são pais-de-santo, paus-de-arara, são assistas
São flagelados, são pingentes, balconistas
Palhaços, marcianos, canibais, lírios pirados
Dançando dormindo de olhos abertos
À sombra da alegoria dos faraós embalsamados.*

ESPAÑHOLA

(Flávio Venturini / Guarabira)

*Por tantas vezes
Eu andei mentindo
Só por não poder
Te ver chorando
Te amo Espanhola
Te amo Espanhola
Se vai chorar, te amo
Sempre assim
Cai o dia e é assim
Cai a noite e é assim*

Essa lua sobre mim
Essa fruta sobre o meu paladar
Nunca mais
Quero ver você me olhar
Sem me entender em mim
Eu preciso lhe falar
Eu preciso eu tenho que contar
Te amo Espanhola
Te amo Espanhola
Se for chorar, te amo.

JOÃO VALENTÃO
(Dorival Caymmi)

João Valentão é brigão
Pra dar bofetão
Não presta atenção
E nem pensa na vida
A todos João intimida
Faz coisas que até Deus duvida
Mas tem seus momentos na vida...
É quando o sol vai quebrando
Lá para o fim do mundo
Pra noite chegar
É quando se ouve mais forte
O ronco das ondas
Na beira do mar
É quando o cansaço da vida
Da vida, obriga
João se sentar
É quando a morena se encolhe
E chega para o lado
Querendo agradecer
Se a noite é de tua
A vontade é contar mentiras
E se espreguiçar
Deitado na areia da praia
Que acaba onde a vista
Não pode alcançar
E assim adormece este homem
Que nunca precisa dormir

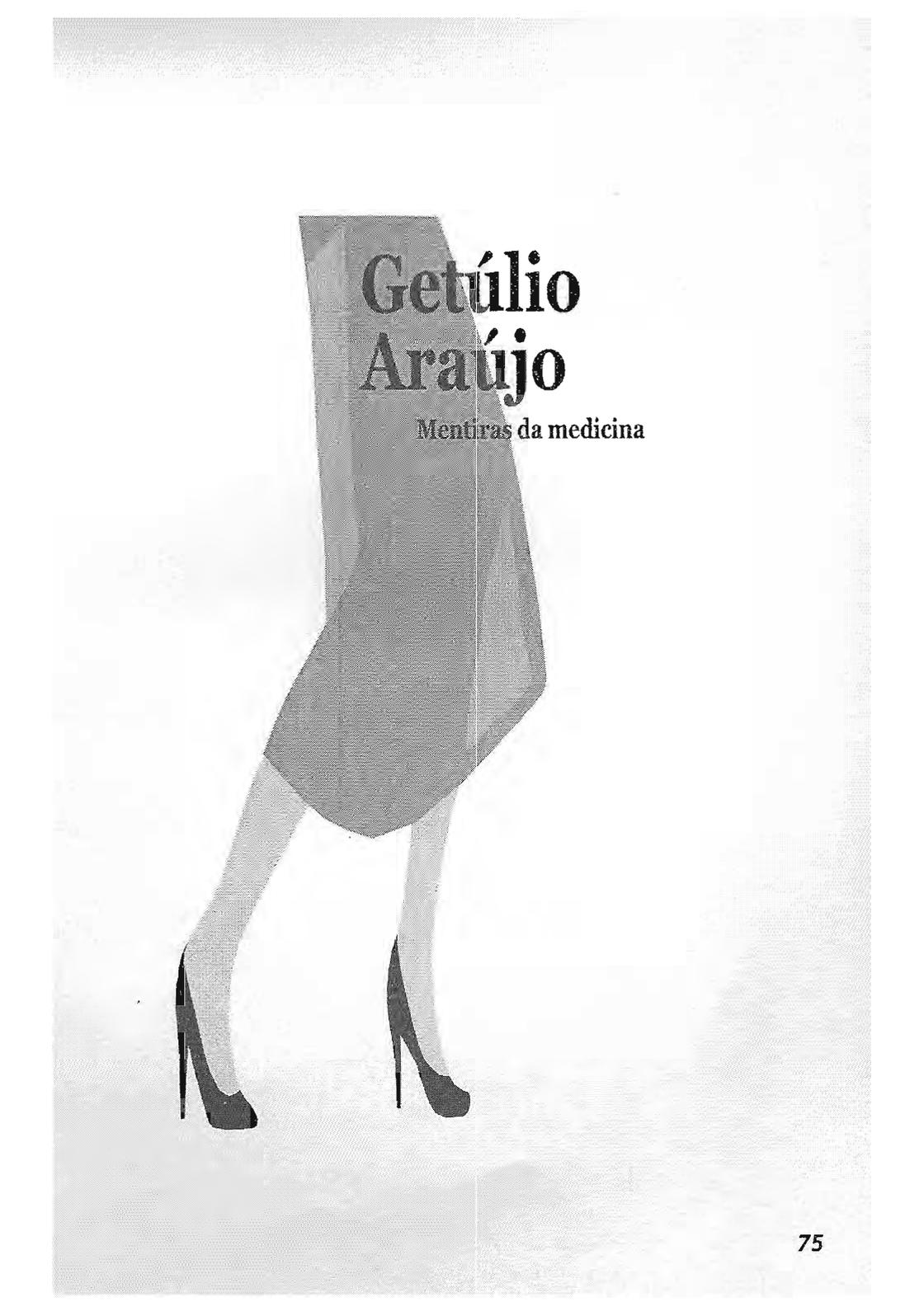
*Pra sonhar
Porque não há sonho mais lindo
Do que sua terra
Não há.*

QUEM ME CHAMA MENTIROSO, MENTIROSO É!
(Luiz Wanderley)

*Quem me chama mentiroso
Mentiroso é!
Num pagode que houve acolá
Vi quem não tinha perna dançá
Vi quem não tinha língua falá
Vi quem não tinha beijo soprá
Meia noite eu vi o sol nascer
Vi o morto da cova correr
Nos coqueiros nascer o capilé
E quem me chama mentiroso
Mentiroso é!
Certo dia na casa do Inácio
Vi maneta na queda de braço
Engoli de uma vez dez mamão
Vi um bode tocá violão
Vi menino nascer de cueiro
Vi uma vaca xaxar no terreiro
Vi mulher chumbregar com mulher
E quem me chama mentiroso
Mentiroso é!
Já toquei sinfonia no pandeiro
Vi banana dá no limoeiro
Engoli de uma vez dez mamão(...)
(...) vi uma pulga chupá picolé
e quem me chama mentiroso
Mentiroso é!*

BIBLIOGRAFIA

- SANTOS, Alcino et al Discografia brasileira, 78 rpm, 1902-1964, Rio de Janeiro. Brasil Musical. Rio de Janeiro: Editora Bureau, 1988, 304 pag.
- Enciclopédia da Música Brasileira: erudita, folclórica, popular. São Paulo: Art Editora, 1977.
- Nova História da MPB. São Paulo: Abril S/A Cultural, 1977, 2ª edição.
- BARRETO, Maria Regina G. C; Lima, Urbano J. C. MPB Sempre: Coletânea Musical – Recife Chapéu de Couro, 1990. 364 p. v. 1,2,3.
- VASCONCELOS, Ary – Panorama da Música Popular Brasileira. São Paulo: Livraria Martins Editora, V. 1-1964
- FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO – Instituto de Documentação Cehibra – Fonoteca. UFPE – Núcleo de TV e Rádio – Discoteca, AV. Norte, 68, Recife-PE.
- CÂMARA, Renato Phaelante, Compositores Pernambucanos Coletânea Bio-Músico-Fonográfica (1920-1995), Editora Massangana, Fundação Joaquim Nabuco, 1997, 149 pag.
- MARANHÃO, Liedo. O Folheto Popular, sua capa e seus ilustradores, Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 1981, 94 pag.
- CASCUDO, Luís da Câmara, Dicionário do Folclore Brasileiro, 3ª edição. Brasília: Ministério da Educação e Cultura/Instituto Nacional do Livro, 1972.
- FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO-Indoc, Biblioteca Blanche Knopf, Coleção de Folhetos de Cordel, 1999 (catálogo).
- CÂMARA, Renato Phaelante, Luiz Gonzaga e o Cantar Nordestino, UFRPE-Imprensa Oficial, 1997, 32 pag.
- Nova História da MPB. São Paulo: Abril S/A Cultural, 1ª edição, 1970.
- RONAL, Paolo, Dicionário Universal Nova Fronteira de Citações. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira S/A, 2ª edição, 1985.



Getúlio Araújo

Mentiras da medicina

FLORISBELA — A VIRGEM

Pedro Potiguar, afamado rábula nas terras férteis do Seridó, mais precisamente no arraial de São Vicente, Estado de Rio Grande do Norte; Homem bem-apeesoado, aluado, andava sempre de preto, gravata borboleta, correntão de ouro preso ao relógio na algibeira, vestido a caráter — fraque, cartola e bengala.

Sem prévio aviso, a sua estimada filha *Florisbela*, ou, simplesmente, *Flor*, como era conhecida na cidadela e alhures, passou a se queixar de estranhos enjôos. A moral da história é mesmo esta: tudo mudou, mudou tudo. A menina Flor estava de pá virada!

E o pai de Florisbela levou-a ao doutor *João Pureza*, clínico renomado naquelas bandas, para ser examinada.

— Doutor, esta moça passou o final de semana na casa da amiga Francineide e voltou diferente. Eu estou desconfiado que tem algo errado com ela.

— Desconfiado de quê? — perguntou meio intrigado o médico.

— Eu acho que ela não é mais moça e está com doença de rua. Salve-me, meu Divino Pai Eterno!

Doutor João Pureza deu uma profunda espiada em Flor: devia ter 16 anos, bela morena, olhos cor de jabuticaba, sorriso brejeiro, irradiante e sensual, só comparável à *Iracema* dos lábios de mel. “Aquele boca, aqueles olhos, ah...!”

— Bem, vamos examinar a garota. O senhor poderia se retirar, por favor. Depois eu lhe chamo.

Meio a contragosto, o pai da menina saiu, deixando-os a sós.

– Então – disse o médico – o que aconteceu?

Flor, num misto de medo e timidez, disse:

– Doutor, por favor, pelo amor que o senhor tem aos desvalidos, me ajude. Se o meu pai descobrir alguma coisa, ele me mata.

– Mas o que aconteceu?

– Eu fui à casa de uma amiga. Lá conhecemos uns rapazes e ... o senhor sabe... a fama tem asas. Bebi água que passarinho não bebe... houve arrasta-pé e rolou um clima muito quente... e excitante...

– Sei! Sei! – disse o médico – E agora, o que você está sentindo?

– Não sou mais virgem e estou com um corrimento muito esquisito.

– Deixe-me examiná-la. Deite-se nesta maca, por favor.

Após examinar a Florisbela, o médico levantou uma suspeita:

– Parece gonorréia, menina.

– Gono...! Gono... – repetiu, surpresa, a menina.

– Sim, gonorréia.

– Estou morta, ai meu Deus. Doutor, por favor, me salva. Salvar vidas é a sua profissão. Não deixe o meu pai me matar.

Doutor João Pureza ficou pensativo por alguns minutos. E se penitenciou:

– Eu não posso mentir. Tenho que honrar o juramento de Hipócrates, que fiz quando me formei.

Abriu a porta e chamou o pai de Flor, que logo foi entrando e perguntando com um estalado vozeirão:

– É moça?

– Bem – disse o conceituado médico meio trêmulo e timidamente – nesta idade ainda é menina-moça. Moça mesmo só após os dezoito anos. Agora, com dezesseis, é menina-moça, com certeza.

– Ora, eu não estou falando de idade. Estou perguntando se ela é virgem. Virgem!

O médico virou-se para a garota e perguntou quando ela nasceu.

– Tá vendo? – disse o médico – ela é de janeiro. Então não é Virgem. É Capricórnio.

– Eu não quero saber de horóscopo. Quero saber se ela já teve relações sexuais. Entendeu?

– Ah, sim...

– Sim, o quê? Já teve?

– Não... quero dizer... não sei.

– Como não sabe?

– É que eu estou sendo complacente com um hímen onde, pela sua topografia anatômica, vejo apenas carúnculas himenais rotas.

– Ah, bom – disse o pai, meio perdido – as carúnculas... as carúnculas.

– E sobre a gonorréia?

– Apenas uma Neisseriose. Nada que um antibiótico não possa resolver.

Finalizando, o pai virou-se para a filha e disse:

– Perdoa o painho, filhinha. Eu fui muito ingrato com você. Você perdoa o papai?

Num sorriso mais amarelo que papo de camaleão, Florisbela limitou-se a balançar a cabeça, positivamente.

– Viu, filhinha, são só carúnculas e uma Neisseriose. Só isto. Não é, doutor?

FOI PARA A CHÁCARA DO VIGÁRIO

*Morre-se em qualquer parte do Mundo, sob a
condição preliminar de estar-se vivo.*

*— Tanto se morre em Pequim
Como em Quixeramobim.*

Câmara Cascudo

Lá pelas bandas de Natividade, em Goiás, havia um povoado chamado Barra do Rio Jordão. Moravam neste lugarejo mais ou menos 500 pessoas. Dentre as personalidades havia o coronel *Félix Ojuara*, presidente do PSD (Partido Social Democrático), a figura mais importante da região, e Brasilino Felício, um curandeiro de renome.

Sábado de carnaval, noite de lua prateada, o truculento coronel caiu em leito de morte. Seu compadre Zé Pinto mandou chamar em Natividade o doutor *Estrela Nascente*, formado pela Faculdade de Medicina da Bahia, no ano da Graça de 1913, para socorrer o enfermo. Era médico há mais de 40 anos, bom de bisturi e de parto. E muito respeitado.

Quando chegou na casa do moribundo foi avisando:

— Não quero menino por perto, nem zoada no meu pé de ouvido. E traga logo um golinho da branquinha de Orizona, misturada com jurubeba.

Quando adentrou o quarto onde estava o coronel Félix, olhou para a imagem de São Jorge, pregada na parede, rezou o Credo, deu uma fungada no ar, passou a mão no bigode espesso e caminhou até a cama.

Lentamente, abriu a sua maleta. Tirou o estetoscópio e auscultou o paciente. Depois pôs a mão na testa dele e disse:

— Não tem mais que 30 minutos de vida. Nada a fazer.

Nesse momento, o curandeiro, vestindo um camisolão branco, à Antônio Conselheiro, entrou no quarto e exclamou afirmativamente:

– Para a Medicina não tem mais jeito. Mas para mim, tem!

O curandeiro aproximou-se da cama e colocou sobre a testa do doente umas folhas de arruda, benzeu-o e iniciou oração de São Raimundo. Tudo sob o olhar apreensivo do doutor Estrela Nascente. Trinta minutos se passaram e nada de o coronel morrer.

Sentindo que sua popularidade estava em baixa, enquanto que a do curandeiro se elevava, o médico disse:

– Acho que eu ainda posso salvar este pobre coitado. A Medicina é um dom que Deus me deu. Salvar vidas é a minha divina arte.

– De quem? – alguém perguntou.

– De Hipócrates e Esculápio. Eles vão derramar sobre mim o poder da cura. Duvidam?

Todos se entreolharam. E o médico disse: deixem-me ir na cozinha preparar umas beberagens. E se foi, apressado.

Na cozinha, pegou um copo de porcelana tcheca, da Boêmia, e colocou nela: água, azeite de dendê, três colheres de chá de um pó branco (deve ser açúcar, pensou), 13 gotas de pimenta malagueta e alguns ramos de salsa. Misturou tudo, usando uma colher de pau, e voltou para o quarto.

– Abra a goela do homem, que isto aqui é porreta!

Abriram a boca do coronel e ele despejou a porção mágica boca adentro.

– Agora saiam todos que é para ele descansar e o remédio fazer efeito.

Quando iam todos, saindo o curandeiro disse ao médico:

– Não vai dar certo. O senhor estragou a minha cura, atrapalhou tudo.

– Olha aqui, moço, – disse o médico – eu sou graduado pela Escola de Medicina da Bahia, com especialização em Medicina Interna, Externa e outras ternas, tá sabendo?

– Num vai dá certo. Tô avisando e prevendo o fracasso.

Todos saíram do quarto muito apreensivos e foram para a varanda do casarão, conversar... e esperar.

Meia hora depois alguém entra no quarto e sai gritando feito um cachorro doido, avisando que o coronel Félix Ojuara havia falecido. Morte agoniada.

– Eu falei – disse o curandeiro para o médico, com um pedaço de palha de milho no canto da boca.

Todos entraram no quarto do defunto fresco e viram o coronel morto na cama com os olhos esbugalhados e a boca aberta, com uma salivação da cor de algodão.

– É o fim. Fiz o possível. Usei todo o meu saber de Homo sapiens. Mas é o destino. – Justificou o médico.

Todas as pessoas abaixaram a cabeça e começaram a chorar e rezar uma Ave-Maria.

Nesse momento, uma voz fanhosa na sala ao lado disse:

– Ô Tonha, já falei para você não deixar este vidro de formicida aqui no armário, porque uma hora alguém confunde e pega-o pensando que é açúcar.

O médico ouviu aquilo (que doeu até na alma), cerrou a boca, os olhos e a testa. Virou a cabeça de lado e viu que junto dele estava o curandeiro Brasilino Felício, que confirmou sabiamente:

– Falei que não ia dar certo. Foi para a chácara do vigário.

SEXTA-FEIRA 13

Ele não tinha nome, sobrenome, idade. Era sexta-feira, 13 de agosto de 1964. Tempo bom, umidade alcohólica do corpo: 90%. Para ele não tinha mão, contra-mão, direita, nem esquerda...

Chegou na calçada da avenida disposto a travessá-la. Olhou para um lado, para o outro, pachorrentamente.

Colocou um pé no ar e pareceu flutuar como um beija-flor, *Dadá Maravilha* e anjos no céu.

Um... dois... três... quatro demorados e imprecisos passos. E... bum! A freada do automóvel e a batida quebraram o silêncio da avenida. E então...

Ele abriu os olhos e viu aquela luz imensa à sua frente.

O silêncio era mortal. Ele sentiu um frio horrível. Virou o rosto à direita e viu um homem todo de branco. Sentiu que estava deitado e que aquele homem estava fazendo alguma coisa sobre o seu tórax. Não sentia dor. Olhou para a esquerda e viu outro homem que auxiliava o primeiro. De imediato, perguntou:

– Onde estou?

O primeiro homem, delicadamente, respondeu:

- Você não sabe, meu filho?
- Não.
- Você está no céu! Está no Éden.
- Éden?
- Sim, você morreu!

Ele ficou assustado. Agora suava frio. Estava trêmulo e gaguejou:

- Mo...mo...morri? Co...mo?
- De acidente. Você foi atropelado... e morreu.
- E o que vocês estão fazendo?
- Você se machucou muito. Nós estamos preparando o seu corpo para o encontro com o Altíssimo.

Ele olhou profundamente para a luz e disse com pesadas lágrimas nos olhos:

— Eu morri. Morri, pôxa. E agora? Quem irá tomar conta da Brasilina, do Gutemberg, da Maroca... do Rex... do papagaio? E a minha conta na bodega do seu Frutuoso; será que ele vai dar um descontinho para Luana?

Cerrou os olhos e chorou copiosamente, pensando na família, nos amigos, na pinga. Que pena, dizia ele, no futebol, na vizinha assanhada, no carnaval, na pescaria do Araguaia, no Natal, no arroz com pequi, no jogo do bicho, nas novelas da Globo... na morte.

Abriu os olhos e perguntou:

— Há quanto tempo?

— Lá na terra, já se passaram mais ou menos cinco horas. Você está sendo velado pelos seus amigos e familiares.

— Minha vovó Augusta também está lá?

— Claro, claro — dizia o homem de branco, calmamente.

— Todos estão lá. Eles adoravam você.

— É verdade... é verdade — concordou o morto.

Então o outro homem passou a mão suavemente sobre a sua testa e disse:

— Bem, meu filho, você já está pronto. Levante-se.

Ele se levantou calmamente da maca e ficou de pé. Olhou para si de cima em baixo e viu vários curativos, gazes, esparadrapos e álcool-iodado no seu corpo. Perguntou:

— E agora?

— Você agora vai por aquela porta branca. Lá encontrará uma outra sala. Uma senhora vestida de branco lhe dará uma lembrança e lhe conduzirá até o Altíssimo.

— Adeus — disse o falecido, caminhando cabisbaixo e lentamente.

Na outra sala uma enfermeira o esperava com uma injeção de Benzetacil de 2.400.000 unidades e uma dose de vacina anti-tetânica do *Laboratório Teuto*. Após aplicá-las, conduziu-o até a porta do Pronto-Socorro do Hospital Geral. Deu a ele alguns trocados para pagar um táxi para casa. Ele ficou lá... parado... no silêncio... olhando para o Hospital... tentando entender o que aconteceu.

OS AUTORES

MÁRIO SOUTO MAIOR nasceu no dia 14 de julho de 1920, na cidade de Bom Jardim, Pernambuco. Frequentou a escola da professora Josefa Coleta de Albuquerque (Santinha), onde aprendeu as primeiras letras. No Colégio Marista, do Recife, fez o curso primário e ginásial. No Colégio Carneiro Leão, fez o curso pré-jurídico e em Maceió, na Faculdade de Direito de Alagoas, concluiu o curso de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Advogado, exerceu as funções de promotor público das comarcas de Surubim e João Alfredo. Foi prefeito de Orobó, professor da Escola Normal Santana, de Bom jardim, fundador, diretor e professor do Ginásio de Bom jardim, Inspetor Federal de Ensino, do Ministério da Educação e Cultura. A partir de 1967 começou a trabalhar, na parte administrativa, no então Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, hoje, Fundação Joaquim Nabuco, e, em 1976, como diretor do Centro de Estudos Folclóricos, quando desenvolveu todas as suas pesquisas na área de sua especialidade. Publicou *Como nasce um cabra da peste* (1969), *Cachaça* (1970/1), *Antônio Silvino - Capitão de Trabuço* (1971), *Em torno de uma possível etnografia do pão* (1971), *Dicionário da cachaça* (1973), *A morte na boca do povo* (1974), *Nomes próprios pouco comuns* (1974), *Território da danação* (1976), *Nordeste: a inventiva popular* (1978), *Dicionário do Palavrão e termos afins* (1980), *Folclorerotismo* (1980), *Galalaus & batorés* (1981), *Painel folclórico do Nordeste* (1981), *Comes e bebes do Nordeste* (1984), *Remédios populares do Nordeste* (1986), *Folclore quase sempre* (1986), *Folclore e alimentação* (1988), *Antologia pernambucana de Folclore - com Valdemar Valente* (1988), *Antologia da poesia*

popular de Pernambuco – com Valdemar Valente (1989), *Antologia do carnaval do Recife* – com Leonardo Dantas Silva (1991), *A língua na boca do povo* (1992), *Sogra: prós e contras* (1992), *O Recife, quatro séculos de sua paisagem* – com Leonardo Dantas Silva (1992), *O puxa-saco: aqui, ali & acolá* (1993), *A paisagem pernambucana* – com Leonardo Dantas Silva (1993), *Três estórias de Deus quando fez o mundo* (1993), *Riqueza, alimentação e folclore do coco* (1994), *Geografia vocabular do pau através da língua portuguesa* (1994), *A mulher e o homem na sabedoria popular* (1994), *A mulher que enganou o diabo* (1994), *As dobras do tempo: quase memórias* (1995), *O homem e o tempo* (1995), *Brasil x Portugal: aquele abraço* (1995), *Folclore, etc e tal* (1995), *Os Mistérios do faz mal* (1996), *Frei Damião: um santo?* (1998), *Orações que o povo reza* (1998), *Pedro e seus mil carneirinhos* (1998), *Cangaço: algumas referências bibliográficas* (1999), *A mulher que casou com uma cobra* (1999), *Um menino chamado Gilberto Freyre*, (1999), *Padre Cícero Romão Batista: algumas referências bibliográficas*, (1999), *Dicionário de Folcloristas Brasileiros* (1999), *Bibliografia pernambucana de folclore* (1999), *Um menino chamado Hélder Câmara* (1999), *Um menino chamado Joaquim Nabuco* (2000), *Um menino chamado Capiba* (2000), *O papagaio e a menina* (2000), *Um menino chamado Capiba* (2000), *João Martins de Athayde* (2000), *Frei Damião – algumas referências bibliográficas*, com Gutenberg Costa (2000), *Uma menina chamada Magdalena Freyre* (2001), *Um menino chamado Jorge amado* (2001), *Antologia pernambucana de folclore – 2*, com Waldemar Valente (2001), *A menina/avó e os seus almanaques* (2001) e *Algumas pernas curtas da mentira* com Manuel Correia de Andrade, Getúlio Araújo e Renato Phaelante (2001). Pesquisador Emérito da Fundação Joaquim Nabuco, onde atualmente exerce as funções de chefe da Coordenadoria de Estudos Folclóricos, Mário Souto Maior é poeta, contista, pesquisador, colaborando em jornais e revistas especializadas do Brasil e do estrangeiro e, em 1979, com o livro *Folclore & Alimentação* ganhou o Prêmio Sívio Romero, do Ministério da Educação e Cultura e, com o mesmo livro, em 1989, ganhou o Gran-Prêmio Iberoamericano Augusto Cortazar, instituído pelo Fondo Nacional de las Artes, do Ministério de la Educación y Justicia, da Argentina.

MANOEL CORREIA DE OLIVEIRA ANDRADE nasceu no Engenho Jundiá, em Vicência (PE), a 3 de agosto de 1922. Filho de Joaquim Correia Xavier de Andrade e de Zulmira Azevedo Correia de Andrade, casou-se com Maria de Lourdes Correia de Andrade, com quem teve cinco filhos: Thais de Lourdes, Sandra Maria, Joaquim, Arthemis e Xênia Maria, falecida em 1960. Passou sua infância no engenho, tendo estudado todo o curso primário na Escola Pública de Vicência. Aos 10 anos de idade foi transferido para o Recife, cursando o ginásio no Liceu Pernambucano e o complementar, pré jurídico, no Instituto Carneiro Leão. Ingressou, em 1941, na Faculdade de Direito do Recife, pela qual se diplomou em 13 de dezembro de 1945. No período de 1943 a 1947 fez o curso de Geografia e História na Faculdade de Ciências e Letras Manoel da Nóbrega, que deu origem à Universidade Católica de Pernambuco, obtendo os graus de bacharel e licenciado. Como estudante universitário, elegeu-se representante de turma no Diretório Acadêmico e participou da luta política contra o Estado Novo, sendo denunciado ao então Tribunal de Segurança Nacional, em processo que envolveu, além de vários estudantes, o sociólogo Gilberto Freyre e o advogado Nehemias Gueiros. Com a anistia aos presos políticos, o processo foi arquivado. Ainda a 4 de março de 1945, no enterro do estudante Demócrito de Souza Filho, foi um dos oradores, representando a turma de concluintes de 1945. Formado, dedicou-se à advocacia, durante o período de 1946 a 1952, e ao magistério secundário de História e Geografia. Lecionou em vários colégios particulares, na Escola Normal e no Ginásio Pernambucano, do qual seria catedrático de 1958 a 1983. Em 1952 entrou como professor assistente da Universidade Federal de Pernambuco na cadeira de Geografia Física, sendo transferido para a de Geografia Econômica, no ano de 1958. Em 1956 fez na Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro, o curso de Altos Estudos Geográficos e, posteriormente, o de Estudo Técnico do Meio Natural da América Latina, na Universidade de Paris, estagiando também no Ministério da Economia da França, na área de planejamento econômico. Foi presidente da Associação dos Geógrafos Brasileiros (1962/63) e vice-presidente em outros quatro períodos e participou do Conselho Estadual de Educação (1963/64). No ano de 1963, designado pelo então governador Miguel Arraes para o cargo de diretor superintendente do Grupo Executivo da Produção de Alimentos (GEPÁ), permanecendo no mesmo até 1 de abril de 1964.

Em maio de 1966, obteve o título de Doutor em Economia ao defender tese sobre A pecuária no Agreste de Pernambuco, em concurso para professor catedrático da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Pernambuco. Foi o primeiro coordenador dos cursos de Mestrado em Economia (1970 a 1974) e de Geografia (1976 a 1979) da UFPE, ensinando também nos cursos de Mestrado em Desenvolvimento Urbano e em Sociologia, da referida Universidade. Exerceu, por duas vezes, a representação da Faculdade de Ciências Econômicas da UFPE no Conselho Universitário. Posteriormente estagiou e proferiu conferências na Universidade de Tsukuba, Japão. Em novembro de 1984 foi nomeado diretor do Centro de Documentação e de Estudos da História Brasileira Rodrigo Mello Franco de Andrade, da Fundação Joaquim Nabuco, Recife, cargo que ocupa até hoje. No período de 1986 a 1987 foi professor visitante do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo e da Universidade de Santa Catarina em 1988. Recebeu os títulos de Doutor Honoris-Causa das Universidades Católica de Pernambuco (1978), Federal de Alagoas (1994), Federal do Rio Grande do Norte (1995) e Federal de Sergipe (1995); Pesquisador Emérito da Fundação Joaquim Nabuco (1989) e de Professor Emérito da Universidade Federal de Pernambuco (1990). É membro do Conselho Fiscal do Banco do Estado de Pernambuco (BANDEPE) e membro efetivo do Seminário de Tropicologia da Fundação Joaquim Nabuco. Tem participado de vários congressos de geografia, de história, de sociologia, de antropologia e de direito, a nível nacional e internacional. Possui numerosos trabalhos publicados, mais de 90 livros e de 200 artigos, em várias línguas. Dentre seus livros destacam-se: *A Terra e o homem do Nordeste, Paisagens e problemas do Brasil, Espaço, polarização e desenvolvimento, Geografia, região e desenvolvimento, A Guerra dos cabanos, João Alfredo, o estadista da abolição, Lutas Camponesas no Nordeste, Geopolítica do Brasil, O Brasil e a América Latina, O Povo e o poder, e Algumas pernas curtas da mentira* — com Mário Souto Maior, Getúlio Araújo e Renato Phaelante.

RENATO PHAELANTE da Câmara Neto nasceu no dia 30 de outubro de 1945, na cidade do Recife, PE. Formado em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco, sempre preferiu trabalhar no rádio, na televisão e no teatro. Locutor, redator e produtor de rádio e televisão, diretor de Promoções da TV-Globo Nordeste, ator e diretor de teatro é também um *expert* em música popular brasileira e exerce as funções de Coordenador da Fonoteca da Fundação Joaquim Nabuco. Sua paixão pelo teatro começou quando cursava o Ginásio Pernambucano, integrando o elenco do Teatro de Amadores de Pernambuco e da Cooperateatro. Trabalhou no filme *Paraíba, Mulher Macho*. É autor, também, de várias músicas, algumas delas gravadas em disco, como *Frevo Triste* (de parceria com Wanda Phaelante), *O Pavão do carnaval* (de parceria com J. Raposo) e *Reflexões da seca*. Publicou diversos trabalhos, entre os quais *A seca do Nordeste na MPB* (1993), *O cangaço – um tema na discografia da MPB* (1997), *Luiz Gonzaga e o cantar nordestino* (1997), *Fragmentos da história do Rádio Clube de Pernambuco* (1994), *MPB – Coletânea bio-músico-fonográfica* (1997), *Cangaço, um tema na Discografia da MPB* (2001) e, *Algumas pernas curtas da mentira* – com Mário Souto Maior, Getúlio Araújo e Manuel Correia de Andrade (2001), além de artigos e ensaios publicados em jornais e revistas especializadas do Nordeste e do Sul do País.

GETÚLIO Pereira de ARAÚJO nasceu em 1946, na Fazenda Cauaçu, Acari, RN. Casado com a goiana Heloísa Helena Lobo Cruz de Araújo. Pai de Frederico e Bruna. Residente em Goiás desde 1974. Formado em Medicina pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1971). Escritor, folclorista e artista plástico; Getúlio Araújo é membro da Comissão Goiana de Folclore e da União Brasileira de Escritores-GO, presidente da Associação Cultural Bernardo Élis dos Povos do Cerrado, sócio correspondente da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e sócio titular do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. Sempre fazendo a intriga do Bem, como dizia Luís da Câmara Cascudo, Getúlio Araújo tem feito, apaixonadamente, o intercâmbio dos escritores do Nordeste com os de Goiás, divulgando o nosso Folclore, publicando, em revistas e jornais seus trabalhos sobre os mais diversos assuntos. É autor de *Plantas medicinais* (1988), *Caminhos Culturais do Rio Vermelho ao Potengi* (1994), *A presença de Câmara Cascudo em Goiás* (1998), *O rei da viola* (1999), *O Brasil de Mário Souto Maior* (2000), *Algumas pernas curtas da mentira* – com Mário Souto Maior, Manoel Correia de Andrade e Renato Phaelante e *Trindade – artes plásticas e religiosidade popular* (pesquisa em andamento). No prelo, *De Paris a São Saruê* (Crônicas).

Renato Phaelante

“O talento poético de uma jovem compositora evidenciou-se na década de 70, através das interpretações do então rei da juventude brasileira, Roberto Carlos.

Isolda, em uma música bastante romântica intitulada *Outra vez, propôs uma relação subjetiva entre a mentira e a verdade, quando diz em um trecho dessa melodia: Você foi a mentira sincera (...)*”.

Getúlio Araújo

“Sem prévio aviso, a sua estimada filha Flórisbela, ou, simplesmente, Flor, como era conhecida na cidadela e alhures, passou a se queixar de estranhos enjôos. A moral da história é mesmo esta: tudo mudou, mudou tudo. A menina Flor estava de pá virada!”